

ATO-53
2006



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Projecto de Pesquisa de Licenciatura em Antropologia

**Vivendo “em Paralelo”; um Olhar Sobre as Relações
Sociais, Estratégias de Sobrevivência e
Representações dos “Meninos da Rua”**

o caso de alguns grupos da cidade de Maputo

Autor: Eurico Dzivane

Supervisora: Dra. Maria José Artur

Maputo, Outubro de 2006

Vivendo “em Paralelo”; um Olhar sobre as Relações Sociais, Estratégias de Sobrevivência e as Representações dos “Meninos da Rua”

Candidato: Eurico Elias Malengua Dzivane

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia no Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Cidade de Maputo

2006

U.E.M. - UFICS	
R. E.	4932
DATA	16/11/06
ASSIGNADO	Gezta
COTA	ATO-53

Verbo
[Handwritten signature]

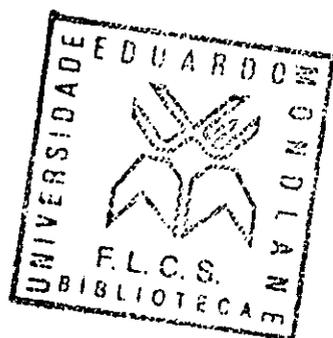
RESUMO

Este projecto de investigação estuda os grupos de “meninos da rua” fora da tutela directa de qualquer organização. A nossa (pre)concepção de “meninos da rua” como “algo que está deslocado da sua posição normal” fez com que eles se nos *impusessem* como objecto de estudo. Mas, foi, acima de tudo, a sua falta de “transparência” que nos fez procurar apreender as suas representações sociais de si, das suas práticas e de *Outros*; também procurámos apreender a estrutura dos seus grupos e as suas relações com exterior, e as suas estratégias de sobrevivência. Visando alcançar esses objectivos, fizemos revisão da literatura; observação directa; conversas; e entrevistas semi-dirigidas. Os resultados preliminares a que chegamos são: como representações sociais, eles “concebiam-se” como “vítimas” e como “sofredores”. Os membros da sociedade envolvente ligados com a sua “expulsão” para a rua eram “maus”, enquanto que os que os ajudavam foram considerados “com pena”. As suas práticas eram concebidas positivamente. Nos grupos, havia subordinações claras e subordinações não bem conquistadas. Como estratégias de sobrevivência, os “meninos da rua” procuravam impressionar os transeuntes para serem objectos da sua ajuda. Para além disso, eles aliaram-se à algumas pessoas da sociedade envolvente, e revalorizaram o lixo não só para o seu “bem” mas também para o daquela.

SUMÁRIO

1. Folha de rosto.....	i
2. Resumo.....	ii
3. Agradecimentos.....	v
4. Lista de abreviaturas.....	vi
5. Glossário.....	vii
6. Declaração de honra.....	ix
7. Introdução.....	10
8. Ruptura com o senso comum.....	12
8.1 Revisão da literatura.....	12
8.1.1 História dos “meninos da rua” em Moçambique.....	12
8.1.2 Duas categorias de <i>meninos marginalizados</i>	14
8.1.3 O movimento dos meninos de casa para rua.....	15
8.1.3.1 As causas.....	15
8.1.3.2 Fase intermediária.....	18
8.1.3.3 A vida na rua.....	19
8.1.3.3.1 Estrutura dos grupos.....	20
8.1.3.3.2 Subcultura.....	21
8.1.3.3.3 Estratégia de sobrevivência.....	23
8.1.3.3.4 Representações sociais.....	23
8.2 Objecto de estudo.....	24
8.3 Pergunta de partida.....	24
8.4 Objectivos.....	24
8.4.1 Objectivo geral.....	24
8.4.2 Objectivos específicos.....	25

9. Construção.....	26
9.1 Modelo de análise.....	26
9.2 Problemática.....	26
9.3 Conceitualização.....	27
9.4 Hipótese de trabalho.....	32
10. Verificação.....	34
10.1 Instrumentos de observação.....	34
10.2 Dificuldades no contac. com o obj. de estudo dur. o estudo preliminar....	35
10.3 Campo de análise.....	38
10.4 Apresentação dos resultados e a sua discussão.....	39
10.5 A relação entre as categorias “meninos da rua” e marginalidade.....	39
10.6 Estrutura dos grupos de “men. da rua” e as sua relações com o exterior	41
10.7 As estratégias de sobrevivência dos “meninos da rua”.....	45
10.8 As suas representações sociais de si, das suas práticas e de <i>Outros</i>	50
11. Considerações finais do estudo preliminar.....	53
12. Referência bibliográfica.....	55
13. Anexos.....	60
13.1 Anexo A – Guião de entrevista.....	61
13.2 Anexo B – Alguns dados biográficos de “meninos da rua”.....	63
13.3 Anexo C – Características das lugares ocupados pelos “meninos da rua”	65
13.4 Anexo D – Planta da cidade de Maputo.....	67



AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que directa e/ou indirectamente tomaram possível este trabalho. Nomeadamente, agradeço a: Elias Malengua Matingane Dzivane e Chica Alfredo Covele (pais), e Gilberto, Carla, Alfredo, Sónia, Eulanda e Jóia (irmãos), pela ajuda indescritível que me deram – e continuam a me dar; Peter Nkhonjera (vice-director da Save The Children – USA), que, embora tivesse toda a possibilidade de me negar a ajuda que lhe pedi, não o fez; antes, ajudou-me material e espiritualmente sem que me tivesse conhecido antes; Joaquim Singano e Orlanda Tsamane (primos), Tomás Covele e sua esposa (primos), Benvinda Covele e Boris Wittoff, e Lurdes Covele (tios), que me fizeram sentir em casa longe de casa; Abílio Manuel, Luís João, Teles Jemuce e Carlitos Esqueva (amigos), que me ajudaram material e espiritualmente; Maria Artur (supervisora), que soube conciliar o rigor na supervisão do trabalho e encorajamento; Sophia Beal (amiga), cuja vontade de apreciar este projecto de investigação me fez aumentar o meu rigor sobre o mesmo; “meninos da rua”, a que este estudo se dedicou; todos aqueles cujos nomes não foram aqui mencionados mas que, de alguma forma, contribuíram para que eu seja o que sou.

LISTA DE ABREVIATURAS

EDM – Electricidade de Moçambique

MICAS – Ministério da Mulher e da Coordenação da Acção Social

ONG – Organização Não-Governamental

PLRF – Programa de Localização e Reunificação Familiar

PT – Posto de Transformação

RSA – República Sul-Africana

GLOSSÁRIO

Base: Centro de abastecimentos e operações militares. Palavra usada, neste projecto de investigação, no sentido figurativo, referindo-se ao lugar onde os “meninos da rua” se reúnem, cozinham, guardam as suas roupas e outros objectos, etc.

Bigues: Plural aportuguesado da palavra inglesa *big*, que significa *grande, extenso, volumoso; crescido, adulto; importante, corpulento*, etc.

Changana: Língua falada pelo grupo *Tswa-Ronga*, que cobre as províncias moçambicanas de Maputo, Gaza e parte de Inhambane, Manica e Sofala.

Chima: Massa cozida usada para a alimentação, feita basicamente de farinha (de milho, trigo, mandioca, etc.) e água.

Dreadlocks: Tranças, no sentido literal. Trata-se de um dos pilares do Rastafarismo – doutrina que considera o imperador etíope, Haile Selassie, o redentor do homem negro.

Gang: Associação de malfeitores; bando; quadrilha.

Guaza mutine: Batalha que decorreu em 2 de Fevereiro de 1895 em Marracuene, realizada entre o exército português e os guerreiros locais, chefiados por Nwamantibjana e Mhazule. *Guaza Mutine* significa, na língua local, “atrair o inimigo para o matar em casa”.

Jahman: Homem de Deus, no sentido literal. Sendo *Jah* o Haile Selassie, a palavra refere-se ao seguidor do Rastafarismo.

JahJah, também **Jahguide:** Usados, no texto, como sinónimos de *Jahman*.

Molwene: Marginais. Em particular, a palavra é usada para designar “meninos da rua”.

Ncuva: Jogo praticado pelos *Tsonga* mas não só, que, na sua forma mais elementar, é praticado por duas pessoas, que se acoram, frente-a-frente, diante de 4 filas de 4 covinhas com duas pedrinhas ou dois caroços em cada. Cada jogador movimenta as pedrinhas ou os caroços ao longo das duas filas ao longo de si.

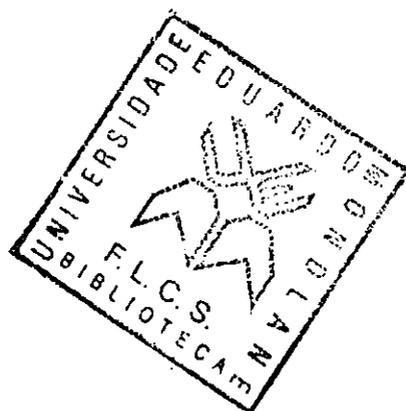
Tontonto: Bebida alcoólica do tipo aguardente, feita a partir de cana-de-açúcar.

Declaração de Honra

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau ou outro fim e que ela é resultado da minha investigação, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes consultadas.

Enrico Elvan Malengua Dzivane

(assinatura)



1 INTRODUÇÃO

Este projecto de investigação dedica-se ao estudo de grupos de "meninos da rua" que não estão sob tutela de nenhuma organização, pelo menos de uma maneira directa. Uma das razões pelas quais decidimos estudá-los foi a falta de "transparência" que eles *ostentavam*. Com efeito, víamos esses "meninos",¹ sob adversidades como o frio e mosquitos, a dormirem (durante a noite mas não só) ao ar livre, sobre papelão ou esteiras colocadas no passeio; a dormirem aglomerados um junto ao outro partilhando cobertores insuficientes; víamo-los a cozinharem em lugares públicos usando latas e combustíveis demasiado voláteis. Enfim, víamo-los a viverem aparentemente ignorando as pessoas ao seu redor.

Estas características, entre outras, faziam com que nós concebêssemos esses "meninos" como diferentes de nós. Concebíamos-los como *Outros*² – um *outro* próximo mas não "transparente" em relação ao que "se passava no seu íntimo". Perguntávamo-nos se, condições em que viviam, ainda tinham as mesmas representações sociais que nós: íamos conjecturando que eles concebiam a sociedade envolvente como má, por tê-los *posto* "na rua" e, uma vez lá, por ignorá-los.

De facto, numa primeira fase, foram as suas representações sociais de si, das suas práticas e de *Outros* que nos inquietaram; e só mais tarde é que nos apareceu a preocupação com as suas estratégias de sobrevivência ou de vida, e a estrutura desses grupos e sua relação com a sociedade mais vasta. Na verdade, essas três dimensões nos parecem intrinsecamente ligadas.

Mas, antes dessas preocupações, não ignoremos o facto de esses "meninos" se terem *imposto* como objecto de estudo; o facto de eles terem sido *visíveis*. Essa visibilidade

¹ De vezes em quando, vamos usar a palavra "menino" no lugar de "meninos da rua".

² A ideia de *Outro* é relativa; expressa um determinado ponto de vista: "o Outro sou eu próprio, [...] por que os Outros têm, por sua vez, o direito à palavra..." (Copans, 1999: 10). Lembramos que Adams (1998: 1) diz que a Antropologia é o estudo sistemático do *Outro*, enquanto que todas as outras ciências sociais são, num sentido ou noutro, estudos do *Eu*. E, Copans (1999) diz que "...é sempre a busca da alteridade e das suas formas identificativas o que motiva o etnólogo e o antropólogo. Os terrenos modificam-se e os olhares podem modernizar-se ou actualizar-se, mas é a investigação, seja ela em primeira mão ou livresca, que constrói a diferença" (p. 22).

proveio da nossa (pre)concepção dos “meninos da rua” como se estivessem deslocados da sua posição “normal”. Foi, portanto, o nosso preconceito que, em primeiro lugar, nos fez estudar esses elementos da sociedade.³

O projecto de investigação submete-se ao objectivo de procurar compreender como se desenrola a vida na rua dos “meninos da rua” nas três dimensões apresentadas acima. Também, ele pretende tratá-los com a maior distância possível em relação ao normativismo, apartando-se assim da maioria – senão mesmo da totalidade – dos estudos realizados, que, apesar da sua profundidade, visam sobretudo “(re)integrar” os “meninos da rua” – objectivo em relação ao qual alguns autores são pessimistas (Ribeiro, 1999: [9]; Douglas, 1991: 55). Estudar o fenómeno é particularmente positivo intelectualmente por confrontar todos os pré-conhecimentos negativos que se têm em relação às crianças.

Quatro capítulos fazem parte deste projecto: o primeiro, com o nome de *ruptura com o senso comum*, trata da história dos “meninos da rua” em Moçambique; dos estudos feitos em várias partes do mundo sobre o assunto; do objecto de estudo do trabalho; da pergunta de partida que o orienta; e dos seus objectivos. O segundo capítulo, com o nome de *construção*, trata da perspectiva sob a qual o tema é estudado; da definição dos conceitos necessários para o trabalho; e, dos resultados esperados. O terceiro capítulo, com o nome de *verificação*, trata dos métodos e técnicas de recolha dos dados pertinentes; das dificuldades enfrentadas no processo de recolha de dados; do campo de análise; da apresentação dos resultados e a sua discussão. O quarto e o último capítulo está reservado às considerações para o estudo principal. Existe também um anexo, com o guião de entrevista usado nesta pesquisa (preliminar), alguns dados biográficos de alguns “meninos da rua”, características do campo de análise e a planta da cidade em que decorreu o estudo.

³ Sendo mais sinceros, diremos que a visibilidade dos “meninos da rua” foi possível por que eles *são* uma impureza; uma poluição, da perspectiva de Douglas (1991). Com efeito, a autora diz que “...o impuro é o que não está no seu lugar, devemos abordá-lo pelo prisma da ordem. O impuro, o poluente é aquilo que não pode ser incluído se se quiser manter esta ou aquela ordem” (Douglas, 1991: 55).

CAPÍTULO I: RUPTURA COM O SENSO COMUM

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 História dos “Meninos da Rua” em Moçambique

Em relação ao subtítulo imediatamente acima e para esta secção, achamos que seria mais acertado falarmos de “crianças em situação difícil” ao invés de “crianças/meninos da rua”, porque a primeira categoria é usada com um significado mais abrangente do que a segunda (A Criança..., 1997: 5).

Também, a secção sofre do problema de insuficiência de informação. Por exemplo, apesar de se falar do problema da guerra, há um “silêncio” em relação à zona rural. Efectivamente, os “meninos da rua” estão forte e exclusivamente relacionados com as cidades, e é estabelecida uma relação directa entre a grandeza dessas últimas e o número dos “meninos” (Loforte, [1989]: 6; Cezne, s.d.: 7).

Quive (s.d.: 14) diz que, já no tempo colonial, existiam “crianças em situação difícil”. Ele fala de crianças que estão sob tutela de missionários, portanto, não propriamente de “crianças da rua”.

Em A Reintegração... (1999), também estende-se – implicitamente – o fenómeno de “crianças em situação difícil” para o tempo colonial. Precisamente, aquela categoria de crianças foi resultado de conflitos armados, que são ditos terem começado em 1964 – ano de início da luta contra os colonizadores. De facto, na obra, diz-se que “o conflito armado em Moçambique foi caracterizado pelo seu efeito devastador em crianças” (A Reintegração..., 1999: 5). E prossegue-se assim: “os efeitos da última guerra [– que começou em 1976 e terminou em 1992 –] são o objecto deste trabalho, sem contudo pretender minimizar o efeito das outras duas guerras” (A Reintegração..., 1999: 3).

Com efeito, a abordagem apresentada em quase toda a bibliografia consultada para este projecto de investigação, faz uma relação – directa – entre as “crianças em

situação difícil" e a guerra – sobretudo, ou mesmo exclusivamente, a "guerra dos 16 anos", que terminou em 1992.

A guerra, entre outros factores, contribuiu para destruir a estrutura familiar, provocando a separação das crianças dos seus pais (Loforte, [1989]: 6; Crianças..., 1995: [1]). "Crê-se que mais de 250 000 crianças tenham sido forçadas a separar-se das suas famílias ou se tornado órfãs em resultados do conflito armado" (Crianças..., 1995: [1]). Ainda em Crianças... (1995), diz-se que "o governo de Moçambique definiu, em 1985, a política de atendimento à criança em situação difícil [...] Entretanto, apenas em 1988, [é que se] delineou o programa de localização e reunificação familiar (PLRF), [...] que visa prestar uma assistência adequada à criança separada da família pela guerra" ([p.1]).

Parece-nos que foi em concordância com os programas apresentados no parágrafo acima, que, desde 1989, foram promovidos estudos para se conhecer melhor a situação da "criança em situação difícil" (Cezne, s.d.: 5).

Loforte ([1989]: 6) diz que "pode-se estimar que existem, só na cidade de Maputo, cerca de 1000 crianças habitando nas ruas pelo menos durante o dia ou vivendo alguma forma de abandono".⁴

Estudos realizados em 1992 constataram que cerca de 2000 crianças viviam na rua nas principais cidades do país (A Criança..., 1997: 7).

Em relação à causa fundamental das "crianças em situação difícil", Cezne (s.d.) tem uma visão diferente da dos outros investigadores. Para ela, "a guerra contribui para um maior recrudescimento destes factores" (p. 6). Factores estes que são: falta de recursos económicos e sociais no lar, instabilidade conjugal, urbanização acelerada, carências de escolas e falta de actividades recreativas e de lazer ao nível da comunidade. Pelo que, *antes* da guerra, aqueles factores já criavam os "meninos da rua".

⁴ Não percamos de vista a relação directa entre a grandeza da cidade e o número de "meninos da rua". Pelo que as outras cidades do país teriam um número cada vez menor de "meninos da rua" quanto mais elas decrescessem.

Portanto, a guerra está omnipresente em várias obras sobre os “meninos da rua”, explicando a sua presença. Mas, numas obras, a guerra é apresentada como causa fundamental, enquanto que noutras, ela é subalternizada. E parece que o ano de 1992 – ano do fim da guerra – é o período que separa a primeira perspectiva da segunda.

2.2 Duas Categorias de *Meninos Marginalizados*

Os autores de vários lugares e tempos dizem que, na rua, coexistem dois tipos de *meninos marginalizados*,⁵ que se distinguem fundamentalmente pelo seu tempo de permanência na rua.

Ferreira (1979) refere-se a eles com as expressões seguintes: *meninos marginalizados*⁶ e *meninos provenientes da camada operária*. Estes últimos “normalmente [...] voltam para a casa no fim do período do trabalho, mantêm relações familiares “normais” e frequentam regularmente a escola conseguindo acompanhar seu cronograma” (Ferreira, 1979: 8). Ao passo que os *meninos marginalizados* “...têm uma aparência quanto a higiene, vestuário, calçado, que expressa o dormir pelos viadutos, e alimentar-se conforme as possibilidades, o limpar-se em locais públicos” (Ferreira, 1979: 89).⁷

Shaw (2004) fala de *meninos de rua* e *meninos trabalhadores*. Estes últimos, diferentemente dos primeiros, trabalham para ajudar a sua família, para além de serem a maioria (p. 6).

Loforte ([1989]) fala de *crianças de rua* e *crianças na rua*.⁸ A autora não diz nada – pelo menos explicitamente – acerca da relação das *crianças de rua* com suas famílias,

⁵ Expressão tomada por empréstado de Loforte ([1989]).

⁶ O itálico representa a expressão particular usada por cada autor.

⁷ Na secção seguinte, apresentamos o campo de análise de cada autor.

⁸ Aliás, Loforte não é a única que fala de *criança de rua* e *crianças na rua*. Com efeito, é comum na literatura moçambicana a distinção seguinte: “...entende-se criança da rua, aquela menina ou menino com idades até 18 anos, e que faz da rua o seu habitat enquanto que, criança na rua é aquela que passa a

diferentemente do que faz em relação às *crianças na rua*. Com efeito, a autora diz que “elas trabalham e mendigam nas estradas para prover o seu sustento, ou para contribuir para a renda familiar. Na sua maioria mantêm uma relação, ainda que ténue, com a sua família e regressam a casa à noite para dormir” (Loforte, [1989]: 6).

Apresentamos essas duas categorias de *meninos marginalizados* para facilitar a compreensão das secções que se seguem.

2.3 O Movimento dos Meninos de Casa para Rua

2.3.1 As Causas

Várias causas são apontadas como estando subjacentes ao fenómeno em estudo. Elas podem ser divididas em objectivas e subjectivas, e realces diferentes são dados à cada uma delas em conformidade com os autores, tempos e lugares de estudo.

Shaw (2004) estuda sobretudo os *meninos de rua* da América Latina, apesar da sua pretensão de elaborar “uma teoria geral da rua”. Ele propõe-se privilegiar as causas subjectivas, com base no pressuposto seguinte: “a rua é um escape de uma vida de miséria. Porém, já dissemos que existem muitas crianças que, vivendo na miséria, jamais procurarão uma solução na rua e, por essa razão, devemos investigar os motivos, os desejos e a sua subjectividade. Creio que a ânsia de liberdade, o interesse pelos bens de consumo, a busca de reconhecimento, o prazer e a magia de uma história são ingredientes fundamentais da rua...” (Shaw, 2004: 15).

Entre as causas objectivas, Shaw (2004) apresenta não só a miséria mas também a violência, a falta de amor, o abuso e o abandono. A violência é praticada pela família, pelos *gangs*,⁹ pela guerrilha, pela polícia, pela escola, etc. O abandono pode mesmo

maior parte do tempo na rua, mas, ainda sustenta os laços e contactos familiares” (A Criança..., 1997: 5).

⁹ Associação de malfeteiros; bando; quadrilha (Costa & Sampaio e Melo, 1998: 806)

ocorrer quando uma criança partilha uma mesma casa com os seus pais. Trata-se de sensação de abandono por parte da criança provocada pelo desencontro entre ela e os seus pais, ausentes por causa do trabalho. Mas o abandono tem impactos diferentes conforme se trata do campo ou da pequena cidade, ou das “grandes urbes”. No primeiro meio, há sempre quem cuide da criança, o que não acontece nas “grandes urbes”, onde “o tecido social descompôs-se” (Shaw, 2004: 6).

O abuso é, para o autor, a chave para se entender por que razão uma criança procura a vida na rua. De facto, “quase todas as crianças na rua falam dos [padrastos e madrastas] como personagens violentas e abusadoras” (Shaw, 2004: 6). Muitas vezes, o que essas crianças dizem é verdade. Mas, às vezes, “esta história é uma “mentira com sucesso” utilizada para inspirar uma boa esmola” (Shaw, 2004: 6).

Em relação às causas subjectivas, Shaw (2004) apresenta constatações, mais do que simples hipóteses (pp. 11-26) – como aparece no último período do segundo parágrafo desta secção. Os meninos e as meninas, diferentemente dos adultos, não estão conformados com a “carência fundamental” do ser humano. Por exemplo, ele diz que “numa cultura reprimida, o “prazer” e o “desejo” têm conotações negativas, como se o ócio fosse um pecado. Felizmente, o menino de rua não interiorizou esta proibição tanto como os adultos e isto leva-o a ser mais sincero sobre o que procura na rua: quer divertir-se” (Shaw, 2004: 36).

Silva (s.d.) faz “um estudo comparativo do lugar de criança, adolescentes e jovens nas ruas de Florianópolis (SC/Brasil) e Santa Fé (NM/EUA)” (p. 1). Como Shaw (2004), aquela autora realça as causas subjectivas. Ela diz que o fenómeno de *meninos e meninas da rua* teve visibilidade somente a partir do século XIX sobretudo em sociedades com predomínio do capitalismo (Silva, s.d.: 1). Mas, entre várias causas da saída desses “meninos” para a rua, Silva (s.d.) destaca o desejo de eles se sentirem sujeitos da sua própria história (p. 27).

Ferreira (1979) estuda os *meninos da rua* de São Paulo, encontrando as suas causas nos problemas estruturais da sociedade brasileira. Aqueles, segundo nos parece, têm a ver com os capitalismos internacional e brasileiro – este está numa situação de dependência em relação àquele.

O capitalismo brasileiro apresenta um excedente de mão-de-obra, que não pode entrar no mercado formal de trabalho pela sua concomitante falta de demanda. Entretanto, essa população excedentária de mão-de-obra não pode ser considerada marginal na economia, “...porque atende as necessidades de acumulação e mantém as condições de reprodução do sistema” (Ferreira, 1979: 62). A autora atenua a culpa do capitalismo internacional, quando diz que “o problema da marginalização social não é especificamente decorrente da atuação do capitalismo estrangeiro” (Ferreira, 1979: 62).

Numa situação de marginalização social, as crianças dos grupos marginalizados interiorizam, desde muito cedo, que vivem em condições extremas de pobreza e que devem procurar meios de se sustentar e cooperar com o conjunto familiar, e as ruas têm sido uma saída.

Leite (1998) fala dos *meninos de rua* de Rio de Janeiro de “hoje” recuando no tempo quase quatrocentos anos – uma perspectiva de estudo nova, dado que é diacrónica, mas que realça causas objectivas, como Ferreira (1979) faz. Leite (1998) recua ao tempo em que a República do Brasil foi criada, e ao tempo em que os escravos africanos foram libertos. Esses ex-escravos e os seus descendentes não foram “integrados”, através da escola, pelos governantes brasileiros.¹⁰ Parece-nos que a autora relaciona esses descendentes de africanos com a presença dos *meninos de rua* de Rio de Janeiro de “hoje”. Mas, as causas subjectivas são também, por ela, invocadas. De facto, ela conclui que os *meninos de rua*, sob projectos de “integração”, recusam-na pelo facto de a sua cultura ser ignorada pelos mesmos.

Loforte ([1989]) estuda as *crianças de rua* nas 7 maiores cidades de Moçambique. Ela diz que as *crianças de rua* são o resultado da conjugação de factores políticos, económicos, sociais e culturais (Loforte,[1989]: 5). Mais precisamente, o factor fundamental para a existência das *crianças de rua* é a guerra – que, nos dias de hoje, não explica a sua existência, pelo menos directamente. *Depois* da guerra, temos

¹⁰ Shaw (2004: 30) fala de *meninos de rua* que são, na sua maioria, descendentes – pelo menos parcialmente – de africanos ao nível da América Latina.

factores como calamidades naturais, maus tratos em casa e carências materiais, crise sócio-cultural, desejo de liberdade e espírito de aventura.

Quiroz & Teixeira (s.d.), também em relação ao caso moçambicano, corroboram Loforte ([1989]) quando dizem que “as variáveis guerra e seca tornam difícil estudar um facto social, só a luz dos factores económicos e sociais” (p. 3).

Cezne (s.d.), ainda em relação a Moçambique, apresenta duas perspectivas respeitantes às causas da existência das *crianças da rua*. Uma concentra-se ao nível do lar, e encontra as causas das *crianças da rua* na “falta dos recursos económicos e sociais no próprio lar e a instabilidade conjugal” (p. 6); e a outra perspectiva está além do lar, e a urbanização acelerada, a carência das escolas e a falta de actividades recreativas e de lazer ao nível da comunidade são apresentadas como causas “externas” das *crianças da rua*.

Distante daquelas duas perspectivas, a guerra é também apresentada como uma causa. Ela é apresentada como um factor que recrudescer os dois tipos de factores acima apontados. Esta perspectiva parece divergir da de Loforte ([1989]), que apresenta a guerra como o factor fundamental. Também, a autora, em relação a Moçambique, parece ser a única a apresentar causas subjectivas.

Mas, as causas apresentadas não têm como impacto a transformação imediata dos meninos em “meninos da rua”. De facto, antes de se ser “menino da rua” propriamente dito, alguns autores falam de uma fase intermediária – expressão nossa – pela qual alguns meninos passam.

2.3.2 Fase Intermediária

Os autores constatarem não só a coexistência de *meninos na rua* e *meninos da rua* – tomando por emprestado as expressões da literatura moçambicana – mas também a transformação dos primeiros em *meninos de rua*. Todavia, há divergência entre os autores quanto ao grau de universalização da segunda constatação.

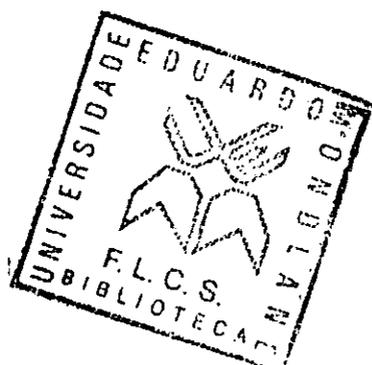
Ferreira (1979) universaliza-a de maneira absoluta. Com efeito, ela diz que “...a **trajectória comum** do menino inicia-se na ida para rua em horários determinados como em qualquer outro emprego, mantendo-se porém na moradia familiar e na convivência com os parentes e vizinhos para, gradativamente, ir espaçando as voltas ao lar (por diversos motivos) e adquirindo uma autonomia que o leva a abandonar a casa e interagir mais intensamente com os grupos da rua. Isto não o descompromete da obrigação de contribuir para a manutenção da família e, para tanto ele faz visitas periódicas ou que é procurado pela mãe ou irmãos no ponto. Ele passa assim a ser o responsável exclusivo pela própria manutenção e contribuinte generoso para o sustento do grupo familiar, que já não o apoia material e afetivamente” (Ferreira, 1979: 87) (sublinhado nosso).

Loforte ([1989]) e Shaw (2004) parecem particularizar aquela constatação. A primeira fala da possibilidade de os *meninos na rua* tornarem-se *meninos da rua* (Loforte, [1989]:6 e 7), mas não diz nada – pelo menos explicitamente – a respeito da relação entre os *meninos da rua* e seus familiares. Enquanto que Shaw (2004) diz que “...**para algumas crianças**, o trabalho na rua é o primeiro passo para viver na rua: sentem-se mais independentes, integram-se na cultura da rua, e apercebem-se que se não regressam a casa não têm que entregar o que produziram a seus pais” (p. 6) (sublinhado nosso). A posição de Shaw (2004) sobre a relação entre os *meninos de rua* e os seus familiares, é oposta à de Ferreira (1979), que diz que os *meninos de rua* ajudam os seus pais.

Portanto, a fase intermediária é a fase de *menino na rua*, que, conforme vimos, alguns autores dizem que não se trata de uma fase necessária no movimento do menino de casa para rua.

2.3.3 A Vida na Rua

Nesta secção, a vida dos “meninos da rua” é vista de várias perspectivas, que são: estrutura dos grupos, subcultura, estratégia de sobrevivência e representações



sociais.¹¹ Nem sempre que os conteúdos caberão nas perspectivas apresentadas acima. Antes, às vezes, eles conterão aspectos do conteúdo de outras perspectivas sem estarem nelas.

2.3.3.1 Estrutura dos Grupos

Nesta secção, os autores destacam a violência, que é praticada, ao nível dos grupos de "meninos da rua", pelos mais velhos e pelos mais fortes – se é que aquelas duas qualidades não coincidem.

Loforte ([1989]) constata uma certa organização nos grupos de *crianças da rua*. Naqueles, os mais velhos são os líderes, que exigem não só obediência mas também a redistribuição dos ganhos pelos componentes do grupo (Loforte, [1989]: 26). Apesar de a autora admitir que a rua providencia afecto às *crianças*, ela está consciente do "clima de extrema violência física e moral" que existe nos grupos, nos quais, não só os mais velhos mas também os mais fortes fisicamente "se sobrepõem" aos outros (Loforte, [1989]: 32).

Loforte ([1989]) diz também que "...o grupo para além de fornecer uma certa entreajuda constitue (sic) um ponto de referência para a criança" (p. 26). Nas relações inter-grupais, a autora constata a existência de relações conflituosas, que resultam da vontade de os grupos dominarem certos tipos de trabalho e patronato (Loforte, [1989]: 26).

Ferreira (1979) enfraquece a ideia de liberdade que se diz ser adquirida na rua, como vários autores parecem sugerir. Com efeito, a autora diz que "a provisoriidade e a tensão angustiante desta vida calcada no medo e na violência faz com que os meninos da rua sejam os primeiros a reconhecer que essa "liberdade" é fictícia e insegura. Não raro seus discursos expressam, no mesmo momento, o gosto pela vida das ruas e a aspiração de não ter entrado nela ou de vir a encontrar uma saída" (Ferreira, 1979: 66).

¹¹ Cf. a conceitualização no capítulo seguinte

A violência de que os autores falam, pode denotar tentativa de falta de obediência dos mais novos e dos mais fracos em relação aos mais velhos e aos mais fortes; e isso pode ser válido tanto ao nível dos grupos como nas relações inter-grupais.

2.3.3.2 Subcultura

Os autores falam dos “meninos da rua”, da perspectiva da subcultura, enquanto pessoas que formam um grupo distinto. Entretanto, esses grupos subculturais são considerados pela maioria dos autores como estando dependentes da sociedade dominante.

Shaw (2004), na sua obra, apresenta duas proposições em relação ao comportamento dos *meninos de rua*, que não se harmonizam, a não ser que se refiram a duas fases de um mesmo processo. Uma das proposições diz que “de certo modo, [os meninos de rua] saem de suas casas para receberem as promessas da sociedade dominante. Não são revolucionários, mas antes sujeitos que desejam o que a televisão e a sociedade lhes promete (sic)” (p. 12); enquanto que a outra (proposição) diz que “por causa da sua inocência, por causa da sua luta para alcançar as promessas da democracia capitalista, os meninos da rua abandonam o capitalismo e os seus valores. **Constróem uma contracultura**, na qual os sistemas de poder, prazer, merecer, conviver são diferentes” (p. 49) (sublinhado nosso).

Silva (s.d.) diz que os *moradores da rua*, “...além de terem redes de apoio na sociedade abrangente, formam “trupes” das quais podem identificar-se...” (p. 11); formam grupos com códigos, estética corporal, indumentária e modos de cumprimentar-se específicos (p. 6). Para pertencer a esse grupo, o novo membro é submetido a ‘ritos de passagem’; tem de ser submetido à vida dura (Silva, s.d.: 20). O facto de os *moradores da rua* formarem um grupo distinto, não significa que eles desconheçam os códigos da sociedade mais vasta. Antes, eles conhecem-nos e usam-nos quando lhes são necessários (Silva, s.d.: 18).

Leite (1998) estuda a relação entre os *meninos de rua* e a sociedade dominante que procura “integrá-los”. O projecto de “integração” acaba em fracasso. Quando fala das causas do fracasso, a autora invoca dois tipos de razão:¹² um é relativo aos “fazedores” da sociedade brasileira e o outro tipo, aos *meninos de rua* – ao qual a autora chama d’*a razão dos invencíveis*. Por um lado, os defensores do primeiro tipo de razão pregavam uma “razão que não se mistura e precisa ter um distanciamento da emoção para poder criar propostas sensatas, definindo os limites da linguagem, do pensamento, do sentimento e de tudo aquilo que se deve excluir” (p. 23); por outro, temos a razão dos *meninos de rua*, que está misturada com a emoção. O primeiro tipo de razão não reconhece a diversidade cultural, que, para a autora, os *meninos de rua* representam. Em contrapartida, estes últimos reconhecem a diversidade cultural mas não aceitam se subordinar à razão dominante,¹³ que, no processo de “integração”, ignora a sua cultura. É por isso que a autora considera esses “meninos” de *invencíveis*. E assim se manifesta a falha dos programas de “integração”.

Ferreira (1979) diz que viver sozinho na rua é insuportável, o que faz com que os “meninos” vivam em grupo. Mas, a autora diz que há, ao nível do grupo, individualismo; e a perspectiva desses “meninos” é o presente; o imediato. Apesar disso, os grupos “...servem como rede de comunicação, garantindo que haja troca de informações, de apoio e de interesse e, ao mesmo tempo, a sensação de pertencer ao grupo em certos momentos” (Ferreira, 1979: 86). Mas, longe de se contraporem aos valores da classe dominante, os “meninos” se apropriam deles.

¹² A palavra *razão* está no sentido de “faculdade de raciocinar discursivamente, de combinar conceitos e proposições...” (Costa & Sampaio e Melo, 1998: 1383).

¹³ No mesmo sentido, Shaw (2004) faz uma distinção – até certo ponto arbitrária – entre *moleque* e *chupista*. “O moleque é independente, brincalhão, astuto, talvez um bocadinho malvado, mas mantém sempre um sorriso. O chupista também vive na rua, mas é dependente, pede esmola e procura sempre um protector que o apoie.

[...]. O moleque, que ama a sua liberdade e independência, tem pouca confiança nas instituições e jamais sacrificara a sua liberdade e prazer por uma boa cama” (p. 3).

2.3.3.3 Estratégia de Sobrevivência

Aqui, os autores falam da intervenção dos “meninos da rua”, para a sua manutenção, nos interstícios da sociedade dominante. De facto, eles exploram espaços, trabalhos, comida, etc. deixados por aquela sociedade.

Loforte ([1989]) diz que as *crianças da rua*, quando não conseguem guardar carros, transportar fardos, vivem mendigados, catando o lixo, e, às vezes, fazem o que é inaceitável a um convívio social (p. 6). O seu aspecto sujo e andrajoso, para além de ser resultado da pobreza, é usado como meio para sua visibilidade (Loforte, 1989: 31).

Silva (s.d.) diz que, ao nível dos grupos, há prática de solidariedade visto que entendem ser difícil viver na rua. E quem suporta a experiência de vida na rua “merece” respeito (p. 21). De facto, os *moradores da rua* sentem-se orgulhosos nas suas narrativas de aventura (pp. 6-9).

Ferreira (1979) faz referência à criatividade dos *meninos da rua* no que diz respeito ao trabalho. Eles descobrem espaços que antes não haviam sido explorados e fazem da rua a sua fonte de renda. Por essa razão, entre outras, a autora diz que os *meninos da rua* não têm tempo de ser crianças. Para se manter, eles têm que se comportar como adultos.

2.3.3.4 Representações Sociais

Silva (s.d.) é a única autora que fala dos “meninos da rua” a partir das representações sociais. O objecto social das representações sociais que ela estuda são os próprios “meninos da rua”; os *moradores da rua* – como, às vezes, ela os designa. Trata-se de representações sociais tanto da sociedade mais vasta em relação aos *moradores da rua*, como destes últimos em relação a si mesmos.

Silva (s.d.) diz que “se, por um lado, olha-se para crianças e jovens com espanto e com medo, transformando-os em mitos (seja de bandidos, ou de pobres coitados), e

não seres como quaisquer outros que precisam de sentir-se vivos, por outro lado, em reação a isto, eles também se constróem como mitos, transformando a atitude de enfrentamento na rua na sua principal técnica de sobrevivência pois assim ao menos serão ouvidos e respeitados – seja pelo medo da população, seja pela turma da rua” (p. 25).

3 OBJECTO DE ESTUDO

Este projecto de investigação tem como objecto de estudo grupos de “meninos da rua” que não estão sob tutela de nenhuma organização; e tem, como “fio condutor”, a questão (tridimensional) seguinte:

4 PERGUNTA DE PARTIDA

- Quais são a estrutura dos grupos de “meninos da rua” e a sua relação com o exterior, as estratégias de sobrevivência e suas as representações sociais de si, das suas práticas e de *Outros*?

5 OBJECTIVOS

O projecto de investigação sujeita-se aos objectivos abaixo:

5.1 Objectivo Geral

- Procurar compreender como se desenrola a vida na rua dos “meninos da rua”.

5.2 Objectivos Específicos

- Procurar apreender a estrutura dos grupos e as relações desses com seu o exterior (outros grupos – ou indivíduos isolados – de “meninos da rua”; a sociedade mais vasta).
- Procurar apreender as estratégias de sobrevivência dos grupos de “meninos da rua”;
- Procurar apreender as representações sociais que eles têm sobre si, suas práticas e *Outros*.

CAPÍTULO II: CONSTRUÇÃO

6 PROBLEMÁTICA¹

Pretendemos, neste projecto de investigação, estudar os "meninos da rua" sob a perspectiva não tanto das suas causas – como parece que quase todos os estudos vêm fazendo. Para nós, os "meninos da rua" já estão *lá*, como se fossem um dado. O que pretendemos investigar (mais) são as representações sociais que eles têm de si, das suas práticas e de *Outros*; para além da estrutura dos grupos e das relações destes com exterior, e as suas estratégias de sobrevivência. Realçamos que os "meninos da rua" em grupo e fora de tutela directa de qualquer organização são o objecto escolhido para este estudo. Mas, estamos abertos a incluir neste estudo membros de grupos que não estejam dentro da categoria "*meninos da rua*" da perspectiva etária, sobrevalorizando assim a sua ligação com o grupo.

7 MODELO DE ANÁLISE (CONCEITOS, HIPÓTESES, *TEORIAS*)

Esta secção tratará, conforme o subtítulo sugere, dos conceitos, hipóteses e *teorias* necessários para o projecto. Os conceitos principais a serem usados nele são: "menino da rua", exclusão social, marginalidade, subcultura, poder, controlo social, representações sociais e estratégias de sobrevivência.

¹ Quivy & Campenhoudt (1998) apresentam a definição seguinte: "A problemática é a abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adoptar para tratarmos o problema formulado pela pergunta de partida" (p. 89); "num primeiro momento trata-se de explorar as leituras e as diversas entrevistas e de fazer balanço dos diferentes aspectos do problema que foram evidenciados" (p. 89); e, "é nessa base que, num segundo momento, podemos escolher e construir a nossa própria problemática. [...]. Elaborase progressivamente em função da dinâmica própria do trabalho de investigação, apoiando-se nesse confronto crítico das diversas perspectivas que se afiguram possíveis. Na prática, construir a sua problemática equivale a formular os principais pontos de referência teóricos da sua investigação: a pergunta que estrutura finalmente o trabalho, os conceitos fundamentais e as ideias gerais que inspirarão a análise" (p. 90).

7.1 Conceitualização

“Meninos da rua”: antes de tentarmos definir esta categoria, achamos importante dizer que são usados, na bibliografia consultada, outras categorias parecidas. São os casos de: *meninos de rua*, *crianças de rua*, *crianças da rua*, *meninos ou crianças na rua*. Enquanto as palavras *menino* e *criança* são sinónimas (Costa & Sampaio e Melo, 1998: 448 e 1078), há diferenças de significado entre as expressões *meninos/crianças da rua* e *meninos/crianças na rua*.²

A categoria “*menino da rua*” tem duas dimensões. Uma é relativa à palavra “*menino...*”, e outra, à parte “*...da rua*”. “Ser da rua” significa “não ser de casa”, como parece conceber Shaw (2004: 9), quando fala de dicotomia casa-rua. A rua é concebida por aquilo que não é, talvez por que, de outro modo, seria difícil precisá-la. Pois, na prática, esses “meninos” viviam não só na rua mas também em jardins, edifícios abandonados, etc. Na primeira dimensão, palavra *menino* refere-se ao ser humano que tem até 18 anos, ou cerca de 18 anos (Convenção..., 1990: 2; Doron & Parot, 2001: 193 e 630; A Criança..., 1997: 5). Pelo que entendemos que “menino da rua” é aquele ser humano que tem até cerca de 18 anos, e que faz da rua a sua morada (A Criança..., 1997: 5).

Mas, esta categoria, definida assim, não diz se o referido “menino”, por exemplo, visita os seus familiares ou se, de vezes em quando, vai à algum “Centro de Acolhimento”. Numa outra vertente, Shaw (2004: 8) adverte-nos que a rua é um lugar de passagem e não um lugar fixo, como o conceito “menino da rua” parece sugerir.

Exclusão social: uma parte da bibliografia consultada apresenta os conceitos de *exclusão social* e de *marginalidade* de uma maneira indiferente. Por exemplo, Fazzano (s.d.) diz que “a situação de **exclusão** em que se encontram os menores em situação de rua pode...” (p. [7]); e, “essa parcela [= “crianças que perambulam pelas ruas...”], **marginalizada** da sociedade faz dos chamados “lixões” dos seus lares” (p. [2]) (sublinhado nosso).

² Cf. nota 8 do capítulo 1

Portanto, no extracto acima, os “meninos da rua” são, ao mesmo tempo, *excluídas* e *marginais*. Em seguida, vamos procurar apresentar as razões da referida indiferença – pelo menos aparente – através da definição dos dois conceitos.

Exclusão social é um conceito sem um significado claro (Khakee, Somma & Thomas, 1999: 4; Ribeiro, 1999: [7]; Rohem & Garcia e Souza, s.d.: 3) e parece-nos estar carregada de juízos de valor, em dois sentidos. Num, parece que está implícita a ideia de que “é bom” combater a *exclusão social* (Khakee, Somma & Thomas, 1999: 4); no outro sentido, “talvez a utilização desse conceito nos reporte a uma mentalidade conservadora, para não dizer arrogante, que julga o modo de vida dos integrados na sociedade de consumo como ideal e considera aqueles que não têm acesso ele como excluídos” (Neuhold, s.d.: 4); e, “o uso da categoria [exclusão] pode implicar a aceitação da ordem que exclui, uma vez que a luta pela inclusão é também uma luta para manter a sociedade que produz a exclusão” (Ribeiro, 1999: [9]).

Também, o conceito de *exclusão social* parece sugerir que existem seres humanos que se encontram “fora” da sociedade, em oposição a outros, que estão “dentro” dela. Por exemplo, Fazzano (s.d.), consciente ou inconscientemente, fala d’ “...a reintegração do sujeito a sociedade” (p. [1]). Este facto é absurdo, visto que todos se encontram num mesmo “universo social” (Neuhold, s.d.: 2).

Vamos usar o conceito, conscientes dos defeitos apresentados acima. Achamos conveniente usá-lo na perspectiva apresentada por Berghman,³ citado por Khakee, Somma & Thomas (1999), pelo facto de apresentar dimensões que se referem ao objecto de estudo deste projecto.

Para Berghman, *exclusão social* coincide com a falha num ou em mais sistemas seguintes: o sistema legal e democrático; o sistema do mercado de trabalho; o sistema de financiamento pelo estado da assistência social; e, o sistema familiar e comunitário. Esses sistemas provêm, respectivamente, a integração cívica, económica,

³ BERGHMAN, J. Social exclusion in Europe: policy context and analytical framework. In ROOM, G. (ed.) *Beyond the Threshold: the measurement and analysis of social exclusion*. Bristol: Policy Press.

social e interpessoal. Para aquele autor, ser excluído é o mesmo que não estar integrado (Khakee, Somma & Thomas, 1999: 4).

Marginalidade: este conceito baseia-se nas categorias *centro* e *periferia* ou *normal* e *marginal* (Doron & Parot, 2001: 477; Roulleau-Berger, 1991: 192). *Marginalidade* pode ser definida como posição social, que se encontra deslocada do *centro* – sendo este a posição onde se encontram os valores dominantes e aprovados pela maioria (Doron & Parot, 2001: 477; A Marginalidade..., s.d.: [1]); também pode ser definida como condição de pessoas ou grupos de pessoas não integradas nas sociedades em que vivem (A Marginalidade..., s.d.: [1]; Cerquize, s.d.: [1]).

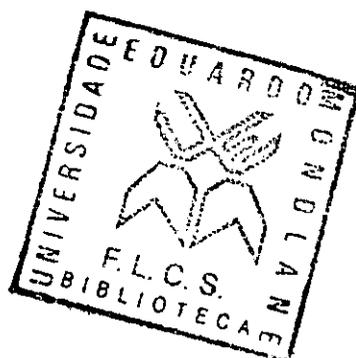
A *margem* situa-se na interface de duas culturas em conflito; “isto é, onde duas atitudes, de superioridade e de inferioridade, de prevenção e de oposição, são comuns” (Grande..., s.d.: 297; também Doron & Parot, 2001: 477).

A partir, sobretudo, da segunda versão da definição do conceito de *marginalidade*, este pode se confundir com o conceito de *exclusão social*, apesar de serem diferentes. Podem confundir-se porque tanto o *marginal* como o *excluído* têm a ver com a ideia de não-integração. Mas, são diferentes porque, enquanto *exclusão* refere-se à própria ausência de integração, *marginalidade* refere-se à condição e/ou à posição social relativa(s) às pessoas ou aos grupos de pessoas não integradas.

Subcultura: Youth...(s.d.) apresenta o conceito de *subcultura* ligado à juventude e com um sentido pejorativo.⁴ A obra apresenta uma perspectiva de gerações: a dos jovens e a dos adultos. Os jovens, em determinadas situações, se distanciam, ou se diferenciam, dos adultos através da subcultura.

Este conceito pressupõe a existência de hierarquia na sociedade; de uma posição social que subjuga a outra. Sendo a *subcultura* a reacção que os membros da posição social subjugada tomam em relação aos da posição social dominante. Ela forma-se quando a cultura dominante não satisfaz as necessidades de um grupo particular. O objectivo da subcultura é fornecer elementos para a criação de identidade dos

⁴ Cf. Silva, 1986, p. 1181



membros do grupo subjugado; "[tentar] resolver contradições estruturais que surgem do contexto societal mais vasto".⁵

Às pessoas que partilham uma subcultura, chama-se *grupo subcultural*, que é um grupo com características específicas. Todavia, a não ser no caso da *contracultura*, o *grupo subcultural* ainda continua dependente da cultura que lhe subjuga no que diz respeito aos "objectivos e direcções gerais".⁶

O elemento principal da subcultura é a partilha – da consciência de pertença ao grupo; da interacção; dos objectivos ou motivos; de um conjunto de normas e de regras.

Também são apresentados, em Youth...(s.d.), tipos de *subculturas* em função da sua lógica interna de desenvolvimento. Esses tipos são: *subculturas estáveis*, *subculturas em desenvolvimento e contracultura*. O primeiro é funcional e hierárquico, e baseado na idade; o segundo tipo subdivide-se em dois (subtipos): as subculturas que estão em *ascensão*, cujo papel está a se tornar mais importante; e, as que estão em *decadência*,⁷ com a sua significância reduzida; e, a *contracultura* é o tipo de subcultura que confronta e contradiz a cultura oficial.⁸

Poder: categoria das relações sociais, ele é concebido como a capacidade que uma pessoa ou um grupo de pessoas tem de submeter uma outra ou outras à sua vontade, usando para tal quaisquer meios. Na verdade, *poder* só o é quando é efectivamente exercido (Balandier, 1987: 45).

Nas relações de poder, é importante que aquele(s) que domina(m) troque(m) a sua posição com algo à favor do(s) seu(s) súbdito(s). E, também é importante que este(s) último(s) "reconheçam o direito" daqueles dominarem (Balandier, 1987: 49-50).

⁵ Traduzido do Inglês (youth... s.d., [p. 1])

⁶ Traduzido do Inglês (youth... s.d., [p. 4])

⁷ Traduzido do inglês (Youth... s.d., [p. 9])

⁸ Entretanto, o Silva (1986: 1181) tem reservas em considerar a *contracultura* como parte da *subcultura*.

Para Foucault (1996), o poder tem duas vertentes – uma negativa e outra positiva: “o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (p. 8). Da vertente positiva, o poder produz um homem útil economicamente e dócil politicamente (p. xviii).

Controlo social: este conceito é entendido como “...conjunto de meios ou processos pelos quais uma determinada comunidade impõe um certo número de regras de conduta de acordo com os princípios e valores que esse grupo considera socialmente aceitáveis” (Lima, Martinez & Lopes Filho, 1991: 130)

O *controlo social* pode ser directo ou indirecto, mas podendo actuar com o mesmo vigor. No primeiro tipo de controlo social, há sanções legais, castigos e punições de todo o género; enquanto que, no segundo, encontramos o exercício da persuasão (Lima, Martinez & Lopes Filho, 1991:130).

Representações sociais: essas são o conjunto de opiniões interpessoais em relação a um objecto social, que têm origem na interacção quotidiana dos elementos de um grupo (Gomes, Skaba & Vieira, 2001: [3]; Oltramari, 2003: 3; Costa & Almeida, s.d.: [3]). Este conceito, definido assim, distancia-se, por um lado, de uma abordagem individualista e, por outro, de uma abordagem colectivista (Costa & Almeida, s.d.).

Ao nível do grupo, cada elemento vai formando um conjunto de opiniões particulares mas, ao mesmo tempo, coerente com o conjunto de opiniões do grupo (Costa & Almeida, s.d.: [5]; Oltramari, 2003: 5).

Toda a *representação social* é organizada em torno de um núcleo central, e, em volta deste, encontram-se os seus elementos periféricos. O núcleo central tem a ver com as representações construídas a partir das condições históricas particulares de um grupo, enquanto que os elementos periféricos têm a ver com as adaptações individuais dessas representações, em função da história de vida de cada membro (Costa & Almeida, s.d.: [5]).

Existem dois processos importantes na formação das *representações sociais*, que são: a *objectivação* e a *ancoragem*. "A ancoragem é um processo de classificação onde o não-familiar deve ser relacionado com um outro objeto familiar e identificado. Esta identificação é quase sempre um juízo de valor..." (Oltamari, 2003: 5); "quando um grupo atribui um determinado valor a um objeto, ou a uma pessoa, geralmente o faz pensando positivamente ou negativamente..." (Oltamari, 2003: 6). E, a objectivação tenta ligar "as palavras que circulam em nosso cotidiano, com algo que até então se desconhece..." (Oltamari, 2003: 6).

As *representações sociais* têm a função de: explicar a realidade; criar uma identidade para um grupo; orientar comportamentos e práticas; e, justificar a tomada de posição dos grupos (Oltamari, 2003: 6-7).

Estratégias de sobrevivência: este conceito é empregado, neste projecto, no sentido de comportamentos que são tomados pelos "meninos da rua" para a sua sobrevivência. O nosso objectivo é captar a regra que permite seleccionar um comportamento em detrimento de um outro (Thines & Lempeur, s.d.: 355). E, a palavra *sobrevivência* é usado no sentido de "continuar a viver depois de um determinado acontecimento" (Silva, 1986: 1134). O acontecimento deste estudo é o facto de os "meninos" não estarem sob tutela de pais, organizações, etc. Parece-nos que o uso do termo sobrevivência tem como pressuposto a ideia de que os "meninos" não podem se manter sozinhos.

7.2 Hipóteses de Trabalho

Este projecto de investigação tem as hipóteses seguintes:

- A estrutura interna é caracterizada, por um lado, por subordinações claras e, por outro, por subordinações imprecisas. Nas primeiras, os mais velhos, mais fortes e mais antigos são os mais poderosos, ao passo que na segundas, "meninos" de quase a mesma idade confrontam-se frequentemente. Nas relações com o exterior, os "meninos" revelam-se poderosos e independentes,

pois conseguem ter esmola; escaparem-se das suas famílias, das Organizações Não Governamentais (ONG), etc.

- Como estratégias de sobrevivência, eles expressam-se para inspirar pena nos transeuntes, e prestam serviços aos membros da sociedade circundante.

- Em relação as suas representações sociais de si, das suas práticas e de *Outros*, os "meninos" concebem-se como "vítimas" de uma sociedade duplamente "mã": num sentido, por tê-los posto "na rua"; no outro sentido, por não apoiá-los uma vez na rua. Por tanto, não importa o que façam, as suas práticas são concebidas positivamente, sobretudo, pelos praticantes.

CAPÍTULO III: VERIFICAÇÃO

8 INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO

Este projecto de investigação terá os métodos e as técnicas de recolha de informação seguintes em função da experiência que tivemos no contacto preliminar¹ com o objecto de estudo:

- Melhoria da revisão da literatura com o objectivo de fortificar a base teórica do estudo principal. Esta matriz teórica é importante não só para concebermos uma perspectiva de estudo “particular” e fazermos o aproveitamento dos conceitos pertinentes, mas também para termos um ponto de referência para a comparação dos resultados;
- Entrevistas biográficas aos “meninos da rua”, que não foram muito aprofundadas mas que teriam uma importância crucial na compreensão das variações individuais das suas representações sociais;
- Privilégio de conversas espontâneas que tiveram a vantagem de não só deixar os “meninos da rua” à vontade – uma premissa indispensável no processo de recolha de informação – mas também revelar informações não concebidas *a priori*;
- Intercalação das conversas espontâneas com entrevistas semi-dirigidas, pois os “meninos” não se mostraram muito receptivos à entrevistas ininterruptas; e,
- Privilégio da observação directa, que teve a vantagem de apreender dados nem sempre dados em entrevistas, para além ter dado a possibilidade de se confrontarem as informações dadas com factos observados – essa confrontação (de informações com factos mas também de informações com

¹ Ver anexo A

informações) deve também receber uma atenção especial, visto que mentiras foram frequentes.

8.1 Dificuldades no Contacto com o Objecto de Estudo durante o Estudo Preliminar

Um dos medos iniciais que tivemos em relação ao contacto com os “meninos da rua”, foi a possibilidade de não haver uma boa comunicação entre nós e eles. Pois, sempre, ou quase sempre, que víamos os “meninos da rua”, ouvíamos-os a falarem *changana*² – língua de que não temos domínio. Mas, no terreno, esse medo revelou-se infundado, visto que, de todos os “meninos” com que nos comunicamos, só um é que não falava português: é o caso de Mário,³ de 12 anos, com quem conseguimos nos comunicar através de Marcos, quem fez a tradução (“Ponto-Final”, 23 de Janeiro). De facto, os “meninos” tinham domínio de português apesar de o usarem só na sua comunicação conosco.

Outro medo que tivemos foi o de sermos despachados, como aconteceu com uma senhora que tentou falar com “João”⁴ Peixe (Avenida Maguiguana, 1 de Abril). Efectivamente, nós dirigimo-nos em sua direcção, e de longe ele reconheceu-nos e disse – aparentemente – com satisfação: “[JahJah!]”;⁵ quando chegámos junto dele, cumprimentamo-nos e pusemo-nos a conversar.

Cerca de 5 minutos depois, apareceu uma senhora que se pôs a fazer perguntas – em *changana* – ao “João”. Perguntou, por exemplo, “[onde é que vives?]”; aquele respondeu que vivia em Chókwe – provavelmente a sua terra natal. A pergunta a seguir foi: “[tu vives em Chókwe e vens brincar aqui?!]”, dessa vez o João – aparentemente irritado – não respondeu. Depois, a senhora perguntou-lhe se estudava,

² *Changana* é uma das línguas faladas na cidade de Maputo, mas não só.

³ Os nomes dos “meninos” encontram-se alterados.

⁴ Ainda nesta secção, vamos explicar por que este nome está entre aspas.

⁵ “[JahJah!]”, por que nós tínhamos *dreadlocks* (tranças), como fazem os “seguidores” do *Jah Rastafari I* – Haile Silassié.

ele respondeu que estudava em Zimpeto.⁶ Ora, minutos antes de a senhora chegar, ele nos dissera que tinha fugido do “Centro”⁷ do Zimpeto. Em conclusão, achamos que “João” decidira despachar a senhora mentindo que estudava para possivelmente se livrar dela, que lhe falava num tom de julgar.

Aliás, nós também já tivemos “problemas” com “João” Peixe. Com efeito, no dia 5 de Março, encontrámo-nos com ele e Manuel no “Miradouro”. Até então, só conhecíamos este último, e queríamos conhecer Peixe também. Portanto, perguntámos-lhe o nome e ele disse que se chamava João, o que Manuel “desmentiu” imediata e abertamente. Este último disse que João era um outro “menino”, que nós haveríamos de ter a oportunidade de conhecer naquele mesmo dia. (tratava-se de um domingo, dia em haveria distribuição de comida aos “meninos da rua” mas não só, no “Restaurante Villa-Italia”.) Manuel prosseguiu dizendo que o nome do “João” era Bocage. Mas, confessamos que até a hora em escrevemos estas palavras ainda não conhecemos o seu nome verdadeiro, apesar de no dia 1 de Abril, nós e ele termos voltado a falar de João.

Problema similar aconteceu com Mateus e Marcos. De facto, no dia 24 de Fevereiro, perguntámos-lhes porque saíram do ABC⁸ – um “Centro de Acolhimento”. Pedrito, um outro “menino da rua” que também estava lá, respondeu (à título pessoal) que lá havia pessoas que batiam; havia punição; acordava-se de madrugada. Ao passo que, no nosso primeiro encontro, disse que não gostou de ABC, e desistiu por que trabalhava-se muito; o pequeno-almoço era sopa.⁹

O que queremos mostrar aqui é que, depois da primeira resposta que Marcos e Mateus nos deram, eles puseram-se a se acusar mutuamente: Mateus disse que Marcos

⁶ Este nome foi tomado para designar um “Centro de Acolhimento” que se encontra naquela zona.

⁷ Vamos, de vezes em quando, usar a palavra “Centro” no lugar de “Centro de Acolhimento”.

⁸ Os nomes dos “Centros de Acolhimento” foram alterados também.

⁹ Compare-se este discurso com o de Paulo Alberto, de 12 anos, com que nos encontramos no “Miradouro”, no dia 13 de Fevereiro. Aquele disse que saíra do ABC em 2004 para onde entrou em 2000; saiu, com Ângelo, por que estava cansado de lá ficar. Disse que, no “Centro”, trabalhava-se muito; acordava-se às 4:00 horas; trabalhava-se na machamba. De manhã, comia-se papa; ao almoço, arroz ou *chima*; o jantar era sopa.

roubara sapatos, enquanto que este último acusou aquele de ter roubado couve... Ora, estes poderiam ser os motivos primeiros da sua saída do “Centro”, mas que não nos foram acessíveis nas respostas imediatas à nossa pergunta.

Outro problema é oferecido por Pedrito, que aparentava ter cerca de 20 anos. Entretanto, no dia 2 de Fevereiro, ele disse que tinha 18 anos, enquanto que, no dia 13 de Março, disse que tinha 11. Nesta última data, quando lhe perguntámos havia quanto tempo que se encontrava “na rua”, ele respondeu que havia somente uma semana – facto que não corresponde à verdade por que Pedrito nos fora apresentado por Pedro no dia 23 de Fevereiro, pelo facto de terem nomes parecidos.

Outro caso ainda: Marcos disse que iria ao “Centro Amanhecer” por que queria estudar, como Manuel fizera. Ele disse isso nos finais de Janeiro mas até, pelo menos, o dia 6 de Abril, ele ainda se encontrava “na rua”. Ora, perguntamo-nos se ele tinha realmente planos de ir ao “Centro” ou “era bonito” dizer aquilo, com o pressuposto de que nós estávamos a lhe julgar.

Ainda em relação aos “meninos” do “Ponto-Final”, temos o caso do Pedro, que, nos finais de Janeiro, nos cobrou camisola que nós lhe prometêramos. Quando lhe prometemos para o dia seguinte, ele disse que haveria de viajar a Marracuene para assistir ao *Guaza Mutine*.¹⁰

Igualmente, perguntámo-nos se ele realmente queria viajar a Marracuene ou nós, na tentativa de “vermos o fundo de águas calmas e límpidas, acabámos por ver a nossa cara reflectida nelas”. O facto seguinte parece confirmar isso: no dia 24 de Fevereiro, quando íamos passando pela “base” do “Ponto-Final”, Mateus e Marcos foram correndo entusiasmados em nossa direcção, dizendo que queriam fazer *dreadlocks* também – como nós.¹¹

¹⁰ Batalha que decorreu a 2 de Fevereiro de 1895 em Marracuene, realizada entre o exército português e os guerreiros locais, chefiados por Nwamantibjana e Mhazule. *Guaza Mutine* significa, na língua local, “atrair o inimigo para o matar em casa” (Fenhane, 2004: 50).

¹¹ Cf. nota 6 deste capítulo

9 CAMPO DE ANÁLISE

O campo de análise deste projecto de investigação foi a cidade de Maputo, ou melhor, uma parte dela. A razão para essa escolha foi a seguinte: apesar de não termos domínio da língua *changana*, na qual os “meninos da rua” se comunicavam espontaneamente; a cidade de Maputo é o lugar onde nos encontrávamos a viver no momento, e podíamos fazer a recolha de dados a qualquer hora e durante o tempo de que dispuséssemos.

A parte da cidade de Maputo que corresponde ao espaço deste estudo é composta – em ordem de importância – pelo “Ponto-Final”, “Jardim dos Professores”, “Restaurante Ti’Palino” e “Rua da Electricidade”. Esses são os lugares em que o estudo foi realizado sistematicamente, quase que diariamente. Houve, porém, outros lugares também em que o estudo foi realizado, apesar de ter sido esporadicamente. São os casos – também em ordem de importância – de “Miradouro”, “Avenida Julius Nyerere”, “Avenida Maguiguana”, “Avenida Guerra Popular”, entre outros lugares (ver anexo D).¹²

Em termos de tempo, o trabalho de observação decorreu durante quase três meses: teve início no dia 3 de Janeiro de 2005 até aos princípios de Abril. Conforme já dissemos, a observação foi realizada quase todos os dias, e, nalguns casos, pelo menos duas vezes por dia.

¹² Os pontos no espaço mencionados acima têm nomes de estabelecimentos comerciais, lugares de lazer e de avenidas, e esses nomes não correspondem precisamente aos referidos pontos. De facto, ora os nomes são vastos demais em relação aos pontos, como são os casos dos nomes de avenidas; ora os pontos são vastos demais em relação aos nomes que lhes designam, como é o caso do “Restaurante Ti’Palino”. Com efeito, como exemplo, este restaurante foi o lugar onde os “meninos” dormiam e comiam, pelo menos, aos fins-de-semana; mas passavam o resto do seu tempo nos semáforos do cruzamento entre as Avenidas 25 de Setembro e Vladimir Lenine e outros lugares.

10 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS PRELIMINARES E A SUA DISCUSSÃO

Nesta secção, vamos, por um lado, apresentar os resultados da pesquisa empírica realizada à luz dos conceitos impostos pelos objectivos deste projecto de investigação; vamos, por outro, comparar os resultados obtidos nele com aqueles apresentados na "revisão da literatura".

10.1 A Relação Entre as Categorias "Meninos da Rua" e Marginalidade

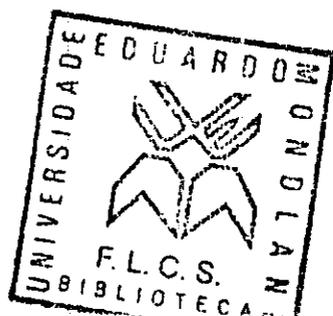
Notamos, do nosso trabalho de campo, que quase todos os "meninos" se enquadraram na categoria "*meninos da rua*" a partir da sua dimensão etária.¹³

Um outro aspecto tem a ver com a dimensão "*...da rua*" daquela categoria. Shaw (2004: 9), conforme já dissemos, apresenta a *rua* como oposta à *casa*. Ele diz também que "nós nos esquecemos facilmente [de que "a rua é um espaço de trânsito"], por falarmos sempre dos *meninos de rua*, como se a rua fosse um estado fixo" (Shaw, 2004: 8). E nós acrescentamos o facto de a categoria ser omissa em relação a possibilidade de haver um movimento do "menino da rua" "da rua" para a "sua" casa, ou para "Centros de Acolhimento", ainda que seja por um tempo relativamente curto.¹⁴

¹³ Todavia, houve casos em que duvidamos da veracidade da idade dita pelos "meninos da rua". Como exemplo, vamos apresentar dois casos contrários: um é relativo ao Mateus – um menino que conhecemos no dia 24 de Fevereiro por volta das 22 horas no "Ponto-Final". Aquele disse ter 16 anos mas parecia ser uns 3 anos mais novo. O outro caso é relativo ao Pedrito, que conhecemos no dia 23 de Janeiro no mesmo local que o Mateus. Pedrito parecia ter 20 anos mas disse que tinha 11. Aliás, alguns dias mais tarde disse que tinha 18 anos.

A respeito do caso Mateus, vejamos a observação de Silva (s.d.), segundo a qual "vivendo na rua por muito tempo, usando drogas como cola de sapateiro, que dizem ajudar a suportar a fome e o frio, muitos deles permanecem com estatura de criança, apesar dos pelos no peito, no rosto e nas pernas denunciarem sua idade" (p. 8).

¹⁴ Sahlins (1990) fala da inadequação das palavras às coisas e vice-versa: "Os objetos são mais particulares enquanto emblemas em um espaço-tempo específico do que os signos, enquanto categorias ou classes conceituais. Por outro lado, as coisas são mais gerais do que suas expressões, por apresentarem sob a forma de experiência mais propriedades e relações do que poderiam ser escolhidas e valorizadas por qualquer signo" (p. 185). Na secção reservada à definição de conceitos e à



Com efeito, alguns “meninos” confirmaram a realidade da última hipótese. Um caso destacável é oferecido por José, que disse que ficava na rua apenas dois dias por semana. Tratou-se de um “menino da rua” do “Ponto-Final”, que no momento em que nos deu essa informação não se encontrava naquele local, mas na Avenida Maguiguana, provavelmente a caminho do “Ponto-Final”. Disse que, naquele momento, vinha da “sua” casa na Mafalala. Mas, notemos que, nas vezes em que o encontramos “na rua” – 7 vezes na sua “base”¹⁵ –, estava tão envolvido como se não regressasse à casa.

Um outro exemplo de abandono da rua é relatado por Marcos em relação ao Mateus. Os dois já estiveram num “Centro de Acolhimento” – ABC –, aonde Mateus voltava no tempo de frio, segundo Marcos. Essa informação não foi desmentida por Mateus, que estava aí ao pé.

Os “meninos da rua” estudados Ferreira (1979) e Shaw (2004) parecem-se com os estudados neste projecto de investigação, sobretudo do ponto de vista desses autores terem dado conta do movimento daqueles.

Os “meninos da rua” encontravam-se assim deslocados da sua posição “normal”, sobretudo de duas perspectivas: o facto de “se terem subtraído” duplamente das suas casas e dos “Centros de Acolhimentos”; e, o facto de “se terem subtraído” da escola, principalmente (ver anexo B). Estas duas perspectivas podem coincidir com as dimensões do conceito de *exclusão social* apresentado por Berghman, que são: a falta de integração social, e a falta de integração interpessoal. O facto de haver falta de “integração” faz com esses “meninos” estejam à *margem* da sociedade; sejam considerados marginais, ou *molwene*,¹⁶ na língua local. Mais tarde – nas secções sobre

apresentação dos resultados, revela-se claramente a ambiguidade sobretudo do conceito de “meninos da rua”.

¹⁵ Encontrámo-nos com José no “Ponto-Final” nos dias 9 e 30 de Janeiro, e 8, 10, 16, 17 e 18 de Fevereiro. Estes dados podem infirmar o que ele disse no dia 2 de Abril na Avenida Maguiguana; que ia a rua apenas duas vezes por semana.

¹⁶ Palavra com que, na cidade de Maputo mas não só, os “meninos da rua” são designados.

as suas representações sociais e estratégias de sobrevivências –, veremos que nem sempre essas categorias pejorativas são apropriadas pelos próprios “meninos da rua”.

10.2 A Estrutura dos Grupos de “Meninos da Rua” e suas Relações com o Exterior

Nos grupos dos “meninos da rua”, encontrámos uma situação em que uns membros se subordinavam mais facilmente do que os outros, sobretudo em função da idade dos mesmos. Nas relações inter-grupais, notamos, no cômputo geral, relações harmoniosas. Todavia, em relação a sociedade mais vasta, o “escape” dos “meninos” foi a característica principal que se nos revelou.

O grupo do “Ponto-Final” – central neste estudo –, à semelhança dos outros, apresentava um número muito variado de membros, sobretudo conforme a hora do dia. Nas noites e nas manhãs, atingia-se o auge e notava-se uma “sobreposição” de dois grupos, classificados com base na idade. Nos discursos do Manuel, os mais velhos – os *bigues*,¹⁷ nas suas palavras – eram concebidos negativamente. Com efeito, ele dizia que “[os mais velhos roubam: roubam lençóis, mantas dos mais novos]”; “[...quando apanhámos as nossas coisas damos a eles]”; na Avenida Mao Tse-Tung, Manuel disse que saíra do “Ponto-Final” por que lá havia *molwenes* – que ele descreveu como moços adultos, bêbados e que batem os mais novos.¹⁸ – Loforte ([1989]: 32) apresenta uma mesma constatação.

Já na perspectiva horizontal, os “meninos da rua” do “Ponto-Final” ficavam divididos em subgrupos. Usando uma figura, diríamos que eles se dispunham como ilhas de um arquipélago. Pareceu-nos que não havia um líder que centralizasse o poder ao nível do grupo mais vasto, havendo assim uma espécie de “desordem”. Provavelmente, foi em relação a isso que Manuel disse: “[eh, ninguém manda aqui!]”. Em contrapartida, existia, no grupo, um controlo social indirecto difuso, através, por exemplo, de

¹⁷ Plural aporuguesado da palavra inglesa *big*, usada aqui como *mais velho* ou *adulto*.

¹⁸ Joaquim foi um outro “menino” que muito frequentemente falava dos mais velhos negativamente. Inclusivamente, no dia em que ele disse que “Ruizinho” roubara o seu dinheiro, aquele admitia a possibilidade de os mais velhos lho arrancarem.

zombarias e censuras a alguém que não tivesse agido “correctamente” ao nível de cada subgrupo. De facto, aquelas eram abundantes.

Também, actos de violência ou começos de actos de violência eram frequentes. Foram casos que podem exemplificar não só o esforço dos “meninos” pela cada vez maior simetria nas relações sociais mas também a falta de controlo social directo centralizado: no geral, cada um resolvia o seu problema por si mesmo e usando “quaisquer” meios.

Por exemplo: Henriques e um “menino” que nos era desconhecido foram se batendo na cabeça com objectos, e cada vez mais fortemente. Nós – à semelhança de outros “meninos” aí presentes – não acudimos a luta¹⁹ até que um senhor – aparentemente um guarda de um estabelecimento comercial vizinho – “nos” repreendeu pela “nossa” atitude. Então, perguntámos ao Pedro se não acudia os “meninos” em briga, a que ele respondeu: “[**deixa lá! Esses se conhecem...costumam ir à Mafalala juntos beber tontonto**²⁰]” (sublinhado nosso). Notamos que o Pedro era um dos mais velhos – senão o mais velho – do subgrupo. Outro aspecto que achamos importante salientar é o facto de aquela luta – como quase tantas outras – ter passado “desapercebido” para outros elementos do grupo, que se encontravam a jogar futebol ou entretidos em outras coisas naquele momento.

Mas, se entre uns, havia relações mais ou menos simétricas, entre outros, havia subordinações claras. Por exemplo, no dia 16 de Fevereiro, por volta das 21:50 horas, ainda no “Ponto-Final”, assistimos, de longe, a uma discussão entre José e Pedro. Quando chegamos no local, a discussão já se tinha dissipado. Todavia, a nossa presença fez com que ela recomeçasse mas, dessa vez, com um “juiz” – que éramos nós.²¹ O José disse-nos que o Pedro andava a lhe provocar. Aliás, havia um miúdo ao pé do José, que este disse ter sido provocado pelo Pedro, e “por isso” ele lhe acudira confrontando-se com o Pedro. Este último, sorridente, disse que José estava a acudir o

¹⁹ Cf. “Instrumentos de Observação” no capítulo 2

²⁰ Bebida alcoólica do tipo aguardente, feita a partir de cana-de-açúcar.

²¹ Cf. “Dificuldades no Contacto com o Objecto de Estudo...” neste capítulo

miúdo por que ele [fazia sexo anal com ele].²² Neste caso, se, por um lado, as relações entre José e Pedro eram mais ou menos simétricas, por outro lado, o referido miúdo estava numa situação de subordinação clara em relação àqueles dois.

Foi impossível “fechar” hermeticamente os grupos dos “meninos da rua” no espaço, pois havia movimentos de inter penetração – mas não só – entre os diferentes grupos. Por exemplo, “Ponto-Final” foi o lugar onde conhecemos Manuel, e ele disse que fora o primeiro, ou um dos primeiros, a fundar aquela “base”. Mas, semanas depois de o termos conhecido, encontrámo-lo na Avenida 25 de Setembro, onde interagia com alguns “meninos” que estavam aí. No dia 20 de Fevereiro, vímo-lo sozinho ao pé da Igreja nossa Senhora das Vitórias na Avenida Mao Tse-Tung. Dezoito dias depois, ele estava no mesmo local, mas dessa vez com Lourenço, que disse que morava na “Costa do Sol” e que se encontraram “atrás da ‘Miramar’”.

Cinco dias mais tarde, ainda na Avenida Mao Tse-Tung, encontrámos Manuel com um outro “menino”; dessa vez era Alfredo, que nos reconheceu. Este último disse que estivera no “Jardim dos Professores”, onde nos conhecera, e onde Manuel disse estar de vezes em quando. No dia 5 de Março, no “Miradouro”, encontrámo-nos com Manuel, e, dessa vez, estava com João Peixe – “menino da rua” da “TVCabo” – cruzamento das Avenidas Eduardo Mondlane e Vladimir Lenine. Até aqui, vimos falando da saída de um “menino” do “Ponto-Final” para outros lugares.

O movimento contrário existiu: no dia 6 de Abril, por volta das 19 horas, encontrámos apenas 4 “meninos da rua” na “base” do “Ponto-Final”. Estes estavam divididos em dois subgrupos: Marcos estava de um lado de um Posto de Transformação (PT) da empresa Electricidade de Moçambique (EDM),²³ e do outro lado estavam o Atanásio, Sérgio e Tomás. Estes dois últimos eram-nos estranhos ao grupo. Todavia, um deles nos reconheceu. Tratou-se de Sérgio, que disse frequentar o “Jardim dos Professores”, onde nos conhecera. Naquele dia, aqueles “meninos” do “Jardim dos Professores” estavam no “Ponto-Final”.

²² Loforte ([1989]) diz que “...algumas [crianças] coabitam com adultos marginais e com estes engajam-se em práticas sexuais ilícitas a troco de dinheiro” (p. 31).

²³ Este Posto de Transformação (PT) encontra-se no espaço entre as duas faixas de rodagem da Avenida Guerra Popular. O PT era usado pelos “meninos” para se esconderem; terem sombra; guardar os seus pertences no seu cimo; entre outros fins.

Em relação à sociedade circundante, os “meninos” tomavam uma atitude de “escape”; “escape” contra a sua submissão. Os casos de fuga dos “Centros de Acolhimento” podem ser exemplos disso. Escapam-se desses “Centros” por causa de trabalho, disciplina e controlo “excessivos”. Por exemplo, Marcos disse que fugira do “Centro” por que trabalhava-se muito; o pequeno-almoço era sopa; Manuel já esteve no “Centro” de Zimpeto, donde foi expulso; quando lhe perguntámos *porquê*, ele respondeu: “[nunca se sabe!]”. Mas, depois falou-nos que lá havia um senhor que não gostava de ver as crianças a brincar lutando; Pedrito é outro “menino” dos que estiveram no “Centro”; o “seu” foi ABC. Aquele disse que saiu de lá por que havia pessoas que batiam; havia punição; e, acordava-se de madrugada.

O “escape” pode ser relacionado também com a própria saída de casa, como defendem muitos autores: José, de já 20 anos, disse que não se desligara completamente de casa. Ele lamentou muito a maneira como a madrastra lhe tratava; mas essa só o fazia na ausência do pai. Subentendemos que saía de casa precisamente nos dias em o pai se encontrava ausente, para se escapar dos “maltratos” da madrastra (2 de Abril); Pedro disse que não gostava do pai por que lhe batia. O pai se separara da mãe, encontrando-se a viver naquele momento com a madrastra (21 de Maio); Ângelo disse que a avó lhe batia (8 de Janeiro); Anastácio disse que a tia não comprava material escolar, batia-o, e obrigava-lhe a ficar com o seu filho (9 de Janeiro); no dia anterior, Rui disse que a mãe o batia, ao passo que o seu companheiro Joaquim não quis se submeter a ideia do pai de ir viver com ele, preferindo ir viver com os seus avôs maternos (18 de Janeiro).

A nossa experiência de investigador apresenta casos de “escape”. De facto, nem sempre fomos neutros, se é que se pode falar de neutralidade na relação sujeito-objecto de conhecimento. Nós fomos objectos de discursos que “constroem” esses “meninos” como objectos de pena. Às vezes, era um simples olhar bem fundo nos olhos, que sentíamos que pedia “mudamente”.²⁴ Os “meninos da rua” se escapavam

²⁴ O caso de Mateus é paradigmático: no dia 25 de Março, encontrámo-nos com ele com dois companheiros na Avenida Filipe S. Magaia. Depois de uma pequena conversa, quisemos nos despedir deles mas Mateus fixou-nos nos olhos como se estivesse a nos pedir dinheiro. Decidimos não lhe dizer que não tínhamos dinheiro – como era o caso – para possivelmente não lhe ofendemos. Quando efectivamente nos despedimos deles, foi então que ele no-lo pediu: “[estou a pedir 1000 para comprar pão!]”.

de nós no sentido de que eles terem querido se livrar de nós logo depois de conseguirem, ou de não conseguirem, o que queriam.

Também houve casos em que pedir dinheiro procedia de uma conversa ou de uma entrevista – estrategicamente – aproveitada por nós e pelos “meninos”. Nestes casos, pediam-nos dinheiro quando nós lhes dávamos atenção especial.

No entanto, houve casos que, apesar de excepcionais, enfraquecem a ideia de que esses “meninos da rua” sempre “exploram” as suas “vítimas”. Por exemplo: no dia 30 de Janeiro, por volta das 17 horas, passámos pelo “Jardim dos Professores”, onde encontrámos 4 “meninos” sentados à volta de um recipiente com comida, ao lado de outros que estavam deitados. Mas, nós só conseguimos ver isso por que estávamos perto deles, graças a um “menino” que disse com entusiasmo: “[hei, *jahman!*]”, o que foi um “convite” para nos aproximarmos deles. O que queremos salientar aqui é que “entrámos” e “saímos” do grupo sem que nos fosse pedido nada. Antes, eles é que nos ofereceram algo. Outro caso é-nos oferecido por Armando da “rua da electricidade”. Aliás, este “menino” nunca nos pediu nada.

10.3 As Estratégias de Sobrevivência dos “Meninos da Rua”

Antes de falarmos propriamente das estratégias de sobrevivência, pretendemos dizer que, pelo menos, os “meninos da rua” do “Ponto-Final” encontravam-se “na rua” por mais de um ano. Segundo observámos,²⁵ numa primeira fase, aqueles estavam numa das esquinas do cruzamento das Avenidas Maguiguana e Guerra Popular. Depois desse lugar, mudaram-se para esta última avenida. E, em seguida, mudaram-se para o outro lado da Avenida Eduardo Mondlane, mas ainda na Avenida Guerra Popular.

Este caso fez-nos pensar no pensamento de Lévinas, sobre a relação entre o Eu e o Outro. O Eu é o sujeito. Soares (2000) diz que “ser sujeito é viver nesta sujeição ao Outro, sem esperar recompensa” (p. 180); “somos escolhidos, estamos na condição de reféns, não a escolhemos, é uma situação em vivemos totalmente para o Outro” (p.179); e, “a subjectividade, antes de ser para si, deve responder pelo sofrimento e pela morte de outrem” (p. 179).

²⁵ Observação que Manuel confirmou.

Portanto, vimos esses “meninos” por mais de um ano, e durante esse tempo conseguiram se manter biologicamente.

Mas, esses “meninos” fizeram mais do que se manterem biologicamente. Com efeito, alguns deles tinham rádios portáteis, e conseguiam comprar pilhas para os quais; outros compravam livros; outros ainda faziam gastos em diversões; quase todos faziam corte de cabelo; alguns compravam esteiras; outros mudavam de roupa e outros ainda “ficavam na moda”; houve quem tenha feito poupança. A partir disso, podemos concluir que os “meninos” conseguiam se manter com folga, pelo menos nalguns momentos.

As estratégias de “sobrevivência” usadas por eles foram várias, das quais podemos destacar as seguintes: técnicas de angariação de esmola e/ou de se tornarem objectos de caridade; prestação de serviços e/ou outro tipo de trabalho; prática de solidariedade; e, estar em lugares e lidar com pessoas *apropriados*. Essas estratégias estão muito longe de ser mutuamente excludentes. Aliás, a diferença entre elas pode ser apenas de grau.

Os “meninos da rua” “auto-construíram-se” como objectos de pena através da sua simples presença (rotos, sujos, descalços, etc.) na rua; dos seus discursos em que “se fizeram” de “vítimas” e/ou de “sofredores” – Shaw (2004) apresenta a mesma constatação. Esses discursos eram acompanhados de uma expressão física (especialmente facial) *apropriada*. Também pareceu-nos que quanto mais criança ou deficiente se fosse, melhor era para “se auto-construírem” como objectos de pena.²⁶ Os semáforos e lugares frequentados por pessoas “que têm dinheiro” – os brancos em especial – foram os mais preferidos.

Em relação às últimas considerações, temos o caso de Noé, moço do “Ponto-Final”, que apesar de “ter” 25 anos, era um dos que víamos com mais frequência nos semáforos a pedir esmola. Acreditámos que tal era possível por se tratar de um moço deficiente.

²⁶ Simmel (1950: 11), no século XIX, já falava de inclinação dos cidadãos para características qualitativas para se tornarem visíveis na metrópole.

Um outro caso é relativo a um grupo de "meninos da rua" no "Miradouro". Tratou-se de um grupo de cerca de dez "meninos" de diferentes idades. Deste grupo, retirou-se um "menino" relativamente novo mas, acima de tudo, defeituoso: tinha a cara parcialmente deformada pelo efeito de albinismo(?) e o resultado disso *era, no mínimo, comovente*. E, para além do seu aspecto andrajoso, o "menino" tinha um pau de cerca de um metro, e o seu pé esquerdo embrulhado num saco plástico preto. Quando se retirou do seu grupo, foi em direcção a uma senhora que estava a entrar num restaurante perto; foi ao encontro dela a coxear usando o pau que tinha como muleta. Quando chegou perto da senhora, o "menino" falou-lhe algo e ela não resistiu dando-lhe dinheiro. Então, retirou-se daquele lugar da maneira como foi – a coxear – até quando chegou perto dos companheiros, de onde começou andar gingando, já livre da sua muleta.

Com efeito, vimos "meninos" deficientes e mais novos a terem sucessos na angariação de esmola; e, nunca vimos, por exemplo, José, Pedro e Pedrito a pedirem esmola, pelo menos nos semáforos. São moços que disseram ter, respectivamente, mais de 20 anos, 17 e 18 anos de idade.

Ainda em relação aos "meninos" mais novos, no dia 18 de Janeiro, por volta das 7 horas, encontrámo-nos com Joaquim – de 11 anos –, sentado junto aos semáforos do cruzamento das Avenidas Vladimir Lenine e 25 de Setembro. Aquele tinha vestido uns calções e uma camiseta, e estava descalço; e comia fatias de pão "de luxo" com *paloni*. Ele disse que lhos tinham sido oferecidos por um senhor de carro que por aí passava.

Naquele mesmo dia, Joaquim apresentou a receita para se ser objecto de esmola, ou de pena. Isso aconteceu quando passou pelo lugar onde estávamos uma senhora mestiça. Joaquim cumprimentou-a e ela correspondeu-lhe, com um sorriso. Nós lhe perguntámos onde a conhecera, a que ele respondeu: "[não conheço! Quando brinco num prédio, costumo subir para pedir comida, roupa, [...]. Estes calções e esta camisa, ela é que me deu. **Mas é preciso subir com respeito**. Não é chegar e dizer: 'senhora, quero isto!'. É preciso chegar, tocar a campainha; quando quiserem te atender, vão; quando não, não vão te atender. Depois peço comida, roupa, sapatos...Quando apanharem aqueles que têm pena, dão]" (sublinhado nosso).

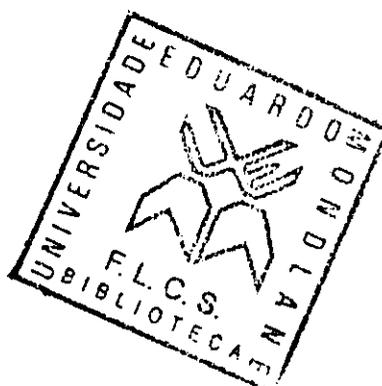
Os “meninos da rua” “se auto-constroem” como “sofredores”: no dia 13 de Fevereiro, no “Jardim dos professores”, encontrámo-nos com Abel – um moço que aparentava ter dezoito anos, a quem perguntámos: “[como estão?]”, e a sua resposta, em nome do grupo, foi: “[épa! não há novidades; estamos a sofrer de fome só!]”. O mesmo discurso foi tomado frequentemente por Fernando – “menino” de 16 anos também do “Jardim dos Professores”. À título de exemplo, no dia 21 de Fevereiro, vímo-lo a jogar *ncuva*²⁷ com um companheiro de 14 anos mas que parecia ter dez.²⁸ Fernando reconheceu-nos quando íamos nos aproximando deles, e disse: “[como é, *Jah?*]”, “[está a andar, não sei aí?]”, respondemos nós; “[estamos muito mal! Não estás a ver aqueles a sofrerem de fome?]”, foi a sua resposta, também em nome do grupo. Pedro e Atanásio, do “Ponto-Final”, já tiveram um mesmo discurso.

Um outro aspecto que achamos importante na estratégia dos “meninos da rua”, é o facto de o dinheiro pedido estar, em quase todas as vezes, relacionado com “comprar pão” quando dizem para que vai servir. Como exemplo, no dia 25 de Março, Atanásio viu-nos a passar pela sua “base” no “Ponto-Final” e fez um gesto como se estivesse a dizer “tenho fome!”; três dias depois, voltamos a nos encontrar com ele, e disse oralmente que tinha fome e não tinha dinheiro (mas disse-o em *changana*, como sempre, apesar de termos conversado em português sobre outros assuntos.); no dia 9 de Fevereiro, na Avenida Julius Nyerere, encontrámo-nos com Fernando do “Jardim dos Professores”, que, quando lhe perguntámos se estava a passear por aí, ele respondeu: “[estou à procura de *barriga*]”.

Fazemos este discurso por que já vimos esses “meninos” a fumarem cigarros, soruma; a beberem álcool ou já bêbedos, mas, pelo menos a nós, nunca pediram dinheiro dizendo que iam comprar cigarro, por exemplo. Contudo, houve uma excepção: é o caso do Pedro que, no dia 21 de Maio, encontrou-se connosco na Avenida Guerra Popular e disse que ia a Mafalala à procura “daquela coisa” – soruma –, mas não tinha

²⁷ Jogo praticado pelos *Tsonga* mas não só, que, na sua forma mais elementar, é praticado por duas pessoas, que se acoram, frente-a-frente, diante de 4 filas de 4 covinhas com duas pedrinhas ou dois caroços em cada. Cada jogador movimentava as pedrinhas ou os caroços ao longo das duas filas ao longo de si (Junod, 1996: 317; Siteo, 1996: 141).

²⁸ Cf. nota 15 deste capítulo



dinheiro suficiente para a sua compra. Essa abertura podia ter sido influenciado por dois factores: a intimidade da nossa relação e o facto de nós termos *dreadlocks*.²⁹

A par daquelas astúcias, os "meninos" conseguem meios de vida também através de prestação de serviços. Por exemplo, Anastácio, no dia 8 de Janeiro, disse que comprara o seu rádio portátil pela venda de ferro. Vendiam ferro de um senhor que vivia no prédio que se encontrava ao pé da sua "base" – "Ponto-Final". (Ele disse também que não se sentiam injustiçados no negócio); Manuel disse que, no "Ponto-Final", guardavam carros até ao momento que alguém roubou farol de um carro. Manuel é mesmo "menino" que, no dia 2 de Fevereiro, esteve a guardar carros na Igreja nossa Senhora das Vitórias na Avenida Mao Tse-Tung; guardar carros é o que Joaquim e Armando faziam, na Avenida 25 de Setembro e Rua da Electricidade, respectivamente.

Havia fluxo de bens e serviços ao nível dos grupos dos "meninos da rua": um pedaço de pão, uma maçaroca, uma soruma, um cigarro e outros bens e/ou serviços são partilhados por muitos, quase que espontaneamente. Mas é errado pensar-se que isso é válido para a totalidade dos "meninos da rua" do grupo. Existem propriedades privadas: os rádios, as esteiras, os livros têm donos. Por exemplo, Anastácio disse, no dia 9 de Janeiro, que não dava mais o seu rádio aos seus colegas por que estragavam. A solidariedade é um aspecto notado por vários estudiosos.

Um outro exemplo é relativo a Manuel e Marcos – "meninos" do "Ponto-Final". Por volta das 21 horas de um dia desconhecido, vimos, naquele lugar, basicamente dois subgrupos de "meninos da rua". Um era composto por "meninos" relativamente crescidos, e outro, pelos "meninos" acima mencionados e Noé. No primeiro subgrupo, estava-se a cozinhar, enquanto que Manuel e Marcos iam aos semáforos [pedir esmola]. Este facto fez-nos perguntar se esses "meninos" não haveriam de comer do que os outros estavam a cozinhar. Manuel disse que já tinham comido no mercado "Estrela Vermelha".³⁰ Mais do que isso, disse que "[os mais velhos quando [cozinham] não nos dão, assim eles estão a nos ensinar; ainda nós vamos à igreja...]".

²⁹ Os portadores de *dreadlocks*, ou melhor, os *rasta* dizem-se no direito de fumar soruma (Ras tafari e a profecia etiope, s.d.: [11]).

³⁰ Nesse mercado, como em tantos outros "mercados informais", vende-se comida.

Não menos importante para a sobrevivência dos "meninos da rua", era o revolver das "lixeiras" para deles retirarem não só "comida" mas também outros artigos – como também Loforte ([1989]: 6) constatou. Aqui, podemos falar da revalorização do "lixo" por parte dos "meninos da rua" para o "bem" não só si mas também para a sociedade mais vasta. O caso da venda do ferro é elucidativo, no qual aquele artigo é exportado. Também temos o caso de produtos que são vendidos no mercado local. É o caso de garrafas plásticas apanhadas em lixeiras, que são vendidas aos vendedores dos "mercados informais". Já nos encontramos com José com um montão de garrafas plásticas para aquele fim. Estes últimos aspectos fazem-nos pensar na arbitrariedade das fronteiras e, conseqüentemente, na inter penetração das palavras *exclusão* e *integração*, e *centro e margem/periferia*, como também o faz Roulleau-Berger (1991: 18-190 passim).

10.4 As suas Representações Sociais de Si, das suas Práticas e de *Outros*

Esta secção ressentiu-se particularmente das dificuldades tidas ao longo do processo de recolha de informação. Pelo que é provável que as representações sociais aqui apresentadas sejam tão-somente o produto das estratégias de "sobrevivência" que os "meninos" tomaram diante dos membros da sociedade mais vasta, de que nós somos parte.

Conforme adiantamos, os "meninos da rua" apresentaram representações de si de "vítimas" e de "sofredores", apesar de não serem comuns a todos eles. As suas práticas eram concebidas positivamente sobretudo pelos próprios praticantes. E, eram "maus" os membros da sociedade envolvente que estava ligados a sua expulsão para a rua e os que não lhes recompensavam pelos serviços prestados.

Os "meninos" "auto-construíram-se" como "vítimas". Por exemplo, José disse: "[não fugi de casa por que roubei; **fugí por que a minha madrasta** faz umas coisas que eu não gosto]" (sublinhado nosso). O José, na senda de quase todos "meninos", concebeu a sua condição como produto de pessoas "más"; os *Outros* é que foram culpados por eles estarem "na rua" e, em contrapartida, eles foram simplesmente "vítimas" (ver anexo B).

Conforme dissemos, nem todos os "meninos" "auto-construíram-se" como "vítimas". Com efeito, houve os que, nos seus discursos, penderam mais para o lado de "actores" da sua condição do que para o lado de "vítimas". Aqui, temos dois – e únicos – casos como exemplo: Mateus disse que saíra de casa por que estava cansado de lá ficar; e, Atanásio disse que abandonara a casa por causa da idade, de trabalho...

Pareceu-nos que o discurso de "sofredor" era apresentado no "primeiro" contacto com os "meninos". (Mais uma vez, a secção "estratégias de sobrevivência" oferece dados para esta secção – a de "representações sociais".) Antes de pedirem dinheiro, esses "meninos" apresentavam-se como "sofredores", dizendo, na maior parte das vezes, que "estou(amos) a sofrer de fome"; ou, esse discurso já era em si um pedido.

Entretanto, esses "meninos" também se conceberam positivamente. Aqui temos um caso surpreendente relativo ao Manuel – um "menino da rua" ou um *molwene*, como têm sido rotulados. Ora, Manuel categorizava os membros do grupo a pertença em dois, segundo o critério-idade e, talvez sobretudo, o critério-comportamento. Foram os mais velhos e os mais agressivos, que ele chamou de *molwene*. A palavra *molwene* – como qualquer outra – estabelece uma linha divisória, que separa os *molwene* dos não-*molwene*. Se alguns de nós, senão todos, chamariam o Manuel e outros "meninos da rua" de *molwene*, aquele não se concebeu a si mesmo como tal. Antes, ele "meteu-se" na categoria dos não-*molwene*. Nela não está só ele mas também outros "meninos" mais novos e menos agressivos.³¹

Mas, se provavelmente for raro haver um outro "menino" que não se considere a si mesmo de *molwene*; ou que não reproduza uma outra categoria pejorativa que os grupos sociais dominantes têm sobre si, o facto de alguns deles terem dito que iam à igreja e/ou à escola – como é o caso do próprio Manuel, José, Joaquim, Nicolau –, faz-nos pensar que esses "meninos" se concebiam positivamente a partir dos valores dos grupos sociais dominantes. Trata-se provavelmente de uma concepção próxima da de não-*molwene*.

³¹ Mauluquela, no seu trabalho de licenciatura, apresenta alguns depoimentos de "meninos na rua" em relação aos "meninos da rua": "nós não somos *molwenes*" "por que nós dormimos em casa"; "nós não somos *molwenes* por que nunca fomos apanhar lixo para comer..."; "...*molwene* é aquele que até não toma banho, (sic) que não come comida quente..." (p. 48). Deste ponto de vista, apesar de alguns exageros, Manuel seria um *molwene*. Mas, como Manuel, esses "meninos" concebiam os *molwenes* como *maus*: "...lá havia *molwenes* grandes que nos maltratavam [...] eles roubavam o nosso dinheiro e às pessoas" (p. 49).

A diversidade nas representações pode ser exemplificada nos casos relatados por José e Pedro. O primeiro disse – com aparente pena ou indignação – que Pedro estava “[estragado: ...anda a beber de qualquer maneira...]”. Também pareceu ser concebido negativamente o facto de se inalar o cheiro da gasolina, de que Agostinho foi acusado ser praticante. Num outro caso, o Pedro acusou José de praticar homossexualismo. Com efeito, essa concepção negativa é de alguns: nem todos consideram as práticas acima mencionadas e outras da mesma maneira – tal é o caso dos próprios praticantes. Um dia, Pedro disse que precisava de soruma para se sentir bem; mas ele admitiu que não eram todos no seu grupo que a consumiam, ou, pelo menos, que gostavam de consumi-la.

Em relação à sociedade mais vasta, foram atribuídas categorias valorativas somente à algumas secções daquela: são “más” as pessoas que estão directamente ligadas à sua “expulsão” para a rua, quando se “auto-cstroem” como “vítimas” através dos seus discursos. Entretanto, há outras pessoas que são “más”, para além daquelas. Por exemplo, Joaquim disse que eram “más” aquelas pessoas que não lhes recompensam pelo serviço “prestado” – o de guardar carros, no seu caso. Em contrapartida, as pessoas que lhes ajudavam voluntariamente eram consideradas “com pena”.

Achamos importante apresentar aqui a nossa experiência como investigadores na nossa relação com os “meninos”. Desde os primeiros tempos, nós fomos “reconhecidos” e rotulados por aqueles. Os rótulos que tivemos foram: *jahman*, *jahguide*, *jahjah*. No fundamental, estes nomes diversos – mas parecidos – referem-se a um mesmo objecto; referem-se ao facto de nos termos sido portadores de *dreadlocks*.

Pelo processo de *ancoragem*, nós que éramos desconhecidos pelos “meninos”, fomos imediatamente “reconhecidos”. Mais do que esse reconhecimento, esses “meninos” já tinham “reservado um lugar” para nós no seu relacionamento connosco. E o nosso lugar era “próximo” do deles, provavelmente por que eles nos concebiam como “rebeldes” também; como elementos da subcultura, no sentido pejorativo.

Nas suas representações sociais, esses “meninos” reproduzem os valores dos grupos sociais dominantes, estando, por tanto, longe de constituírem uma contracultura, como defendem Ferreira (1979: 69), Shaw (2004: 12) e Leite (1998).

CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ESTUDO PRELIMINAR

Em função da confrontação havida entre os conceitos teóricos e os dados empíricos à luz dos objectivos estabelecidos para este projecto de investigação, vamos fazer considerações que servirão de hipóteses para o estudo principal.

Em relação à estrutura dos grupos dos “meninos da rua”, por um lado, havia, neles, subordinação de uns “meninos” em relação a outros; por outro, a subordinação estava reduzida ao mínimo. Ela dava-se sobretudo em função da idade dos “meninos”. Os mais velhos – que, muitas vezes, coincidiam ser os mais fortes fisicamente – eram quem dominava. Havia também uma combinação de independência individual com solidariedade: por um lado, o indivíduo fazia da sua vida aquilo que lhe “apetecesse”; por outro, o grupo oferecia, ao indivíduo, comida, reconhecimento, identidade, diversão, protecção, etc.

Nas suas relações com o exterior, pudemos identificar relações que eles estabeleciam com outros grupos de “meninos da rua” e as que estabeleciam com a sociedade mais vasta. O contacto dos “meninos da rua” de grupos diferentes, faz-nos pensar que aqueles estavam divididos somente por questão de sobrevivência; para não excederem a pressão sobre os recursos de um determinada lugar. Em relação à sociedade mais vasta, os “meninos” prestavam serviços; vendiam a suas mercadorias àquela e, nalguns casos, à sociedade global. As suas técnicas de se tornarem objecto de pena fizeram com que membros da sociedade mais vasta, em gesto de “caridade”, canalizassem os seus recursos aos “meninos”.

Em relação às suas estratégias de sobrevivência, os “meninos da rua” usaram a técnica de se mostrarem como “vítimas” e/ou “sofredores”, conforme já adiantamos. O objectivo disso era comoverem os transeuntes no sentido de lhes darem esmola. Essa “auto-construção” fazia-se através de discursos e/ou da sua indumentária (e/ou da sua simples presença na rua). Os discursos eram acompanhados de um tom de voz e expressão física (especialmente facial) *apropriados*; enquanto que a questão do uso da indumentária para impressionar os transeuntes parece-nos muito polémica visto que os referidos “meninos” não tinham muitas alternativas.

Um outro aspecto da sua estratégia é que, quanto mais novos e/ou mais defeituosos fossem os "meninos", mais efectivas eram as técnicas apresentadas acima. Estarem nos semáforos e nos lugares normalmente frequentados por pessoas "que têm dinheiro", era uma outra opção: os brancos pareceram ser o seu alvo preferido. Todavia, ao lado dessas artimanhas, esses "meninos" *trabalhavam*: vendiam ferro e/ou garrafas plásticas que apanhavam em "lixeiros"; guardavam carros; etc.

No que respeita às representações sociais que os "meninos da rua" têm em relação a si mesmos, às suas práticas e a *Outros*, os dados colhidos impelem-nos a admitirmos que não havia uma única posição que se possa dizer pertencer aos "meninos da rua". Antes, as representações variavam dentro dos mesmos grupos. Em relação a si, esses "meninos" se representaram como "vítimas" e "sofredores", tendo havido, no entanto, excepções apesar de raras. Normalmente, as suas práticas foram concebidas positivamente, sobretudo pelos praticantes. Com efeito, houve membros dos grupos de "meninos da rua" que pareceram reprovar algumas práticas dos seus companheiros. E, alguns membros da sociedade mais vasta foram considerados "maus" ou "com pena", conforme trataram os "meninos da rua" "mal" ou "bem".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAMS, William Y. *The philosophical roots of Anthropology*. Stanford: CSLI, 1998.

AMARAL, Wanda do (compil.). *Guia para apresentação de teses, dissertações, trabalhos de graduação*. 2. ed. rev. Maputo: Imprensa Universitária, 1995.

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1987.

CERQUIZE, Filipe. *Vasto mundo marginal*. www.pd-literatura.com.br/pd2001/colunistas/mdomarginal.htm (acedido em 2006)

CEZNE, Irene. *Crianças da rua: o que fazer*. Maputo: SEAS, [ca. 1992].

COPANS, Jeans. *Introdução à Etnologia e à Antropologia*. Trad. Ana M. G. Soares. Lisboa: Europa-América, 1999.

COSTA, J. & SAMPAIO E MELO, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8. ed. [Porto]: Porto Editora, 1998.

COSTA, W. A. da & ALMEIDA, A. M. De O. *Teorias das representações sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais*. www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres.html (acedido em 2006)

COUGHLIN, P., LANGA, J. *Claro e directo: como escrever um ensaio*. 2 ed. Maputo: Globo, 1997.

A criança da rua e os centros de atendimento: um estudo de caso nas províncias de Maputo e cidade, Sofala e Zambézia. Maputo: [MICAS], 1997.

Crianças e guerra: experiência de Moçambique. Maputo: Save The Children, 1995.

DORON, R. & PAROT, F. *Dicionário de psicologia.* Trad. Gabinete de Trad. da CLIMEPSI Editores. Lisboa: CLIMEPSI, 2001.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo.* Trad. Sónia P. da Silva. Lisboa: Edições 70, 1991.

FAZZANO, Afife. *Quando o berço é a rua: uma análise da desigualdade social, sua repercussão no desenv. da pessoa e as possib. de reintegração social.* <http://afife.sites.uol.com.br/artigos/artigobercorua.html> (acedido em 2005)

FENHANE, João B. H. *O mundo em que vivemos: ciências sociais: 7ª classe.* Maputo: Moçambique Editora, 2004.

FÉRREIRA, Rita M. F. *Meninos da rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo.* São Paulo: CEDEC, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Trad. Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1966.

GOMES, Aldónio *et al.* *Língua portuguesa: 10ª classe.* 3. ed. Maputo: DINAME

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa: Enciclopédia, s.d. vol. 16

JUNOD, Henri. *Usos e costumes dos Bantu.* Tomo 1. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996.

LEITE, Lígia. *A razão dos invencíveis: meninos de rua: o rompimento de ordem* 1554/1994. Rio de Janeiro: UFRJ/IPUB, 1998.

LOFORTE, Ana. *Um perfil das crianças de rua em Moçambique*, [Maputo]: Globo, [1989].

KHAKEE, A., SOMMA, P., THOMAS, H. (ed.). *Urban renewal, ethnicity and social exclusion*. s.l.: Ashgate, 1999.

LIMA, A. M., MARTINEZ, B. & LOPES FILHO, J. *Introdução à Antropologia cultural*. 9. ed. Lisboa: Presença, 1991.

A marginalidade e os guetos, 2004. <http://www.pontinha.coisas.info/cliz.htm> (acedido em 2006)

MAULUQUELA, Eurice. *A vida na rua: razões e objectivos*. 2005. Dissertação, licenciatura, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, 2005.

Moçambique. Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social. *Convenção Sobre os Direitos da Criança*. s.l: s.n., 1990.

Michaelis pequeno dicionário inglês-português português-inglês. Ed. rev. actual. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

NEUHOLD, Roberta. *O conceito de exclusão e os seus dilemas* http://www.urutagua.uem.br/005/19.soc_neuhold.pdf (acedido em 2005)

OLTRAMARI, Leandro C. *Um esboço sobre as representações da AIDS nos estudos produzidos no Brasil*. 2003 <http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno45.pdf> (acedido em 2005)

QUIROZ, N. & TEIXEIRA, F. *A criança da rua na cidade da Beira*. [Maputo]: UNICEF/CVM, [ca.1990].

QUIVE, Samuel. *Um estudo para a definição dos padrões mínimos de atendimento a criança em situação difícil*. Maputo: s.n., [ca.1990].

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, J. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Trad. M. Marques, M. A. Mendes & M. Carvalho. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Gradiva, 1998.

A reintegração social da criança envolvida no conflito armado: a experiência de Moçambique. Maputo: s.n., 1999.

RIBEIRO, Marlene. *Exclusão: problematizando o conceito para análise da educ. produzida nos mov. sociais populares*. In reunião anual da ANPed, 22, 1999, Caxambu. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1517_97021999000100004&ng=en&hrm=iso (acedido em 2005)

ROHEM, F. R., GARCIA & SOUZA, M, das G. *Considerações sobre a exclusão social*. Boletim PROEALC: s.d. 6. pp. [2-3]. <http://www2.uerj.br/~proealc/Boletim6.html> (acedido em 2005)

ROULLEAU-BERGER, Laurence. *La ville intervalle: jeunes entre centre et banlieue*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1991.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SILVA, Benedito (coord. geral). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Rita C. O. da. *Do outro lado do espelho: como construir o mito de bandido ou de herói*. <http://www.citdr.org/BandidoHeroi.pdf> (acedido em 2005)

SITOE, Bento. *Dicionário Changana-Português*. Maputo: INDE, 1996.

SHAW, Kurt. *Para uma teoria geral da rua*. Shine a Light, 2004.
<http://www.citdr.org/sal> (acedido em 2005)

SOARES, Maria da Conceição. *Emmanuel Lévinas e a obsessão do outro*. In Didaskalia. Vol. xxx, 2000. pp. 169-194.

Ras tafari e a profecia etiope. www.delfareggae.com.br/ras.htm (acedido em 2005)

TEITELBAUM, Harry. *How to write a thesis*. 4. ed. s.l.: ARCO

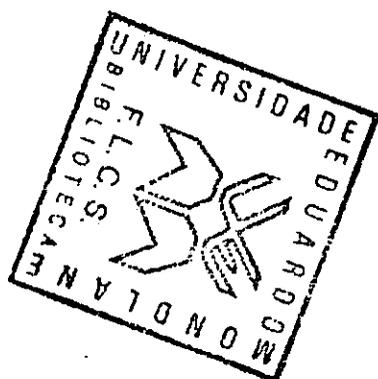
THINES, G. & LEMPEREUR, A. *Dicionário geral das Ciências Humanas*. Lisboa: Edições 70.

Vocabulário jamaicano. <http://bobmarleycifras.hpg.ig.com.br/vocabulario.htm> (acedido em 2005)

Vocabulário rasta. <http://surfgirls.tripod.com.br./surfgirls/idz.html> (acedido em 2005)

WEINSTEIN, D. (adapt.). *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1950. pp.409-424. http://www.uwgb.edu/urs/ray-hutchison_web_pages (acedido em 2005)

Youth subculture and commitment level model.
<http://www.sonlifeafrica.com/model/subcult1.htm> (acedido em 2005)



ANEXOS

1. Anexo A – Guião de Entrevista

1.1 “Menino da Rua” e Marginalidade

1. Como te chamas?
2. Quantos anos tens?
3. (sexo)¹
4. Com quem e onde vivias antes?
5. Por que não estás com “eles”?
6. Há quanto tempo saíste da casa ou há quanto tempo estás na rua?
7. Tens visitado os teus familiares? Se sim, com que frequência o fazes?
8. Tens alguma relação com alguma organização governamental e/ou não-governamental?

1.2 Estratégias de Sobrevivência

1. Como é que conseguem comida, dinheiro, roupa, etc?

1.3 Estrutura dos Grupos e suas Relações com o Exterior

2. (Com quem vives na rua?)
3. Vocês partilham as suas coisas uns com os outros? Se sim, como é que se efectua a tal partilha?
4. Vocês têm relações com outros grupos de “meninos da rua”? Se sim, que tipo de relação?
5. (Que relação vocês estabelecem com as pessoas ao vosso redor?)

¹ As perguntas que estão entre parênteses podem ser “respondidas” através da observação directa, ou usando outras técnicas.

1.4 Representações Sociais

1. Por que fazem o que fazem?
2. O que achas de ti; daquilo que fazes; e, dos Outros?

2. Anexo B – Alguns Dados Biográficos de “Meninos da Rua”

Eis alguns dados biográficos de alguns “meninos da rua” a cujo estudo este projecto de investigação se dedicou. Conforme já dissemos, os nomes que se encontram abaixo são uma invenção nossa, sendo, todavia, a única invenção do projecto.

Mateus, de 16 anos, vindo de Magoanine, que se encontrava no “Ponto-Final”, disse que tinha irmãos; o pai fora a República Sul-Africana (RSA) depois de se separar da sua mãe; ele disse que saíra de casa por que estava cansado de lá estar; do “Ponto-Final” é também Marcos, de 14 anos, que disse que tinha 4 irmãos, e os pais foram a RSA, onde morreram; Manuel, de 15 anos, que se encontrava no “Ponto-Final”, disse que os pais encontravam-se separados e tinha dois irmãos no Zimpeto – “Centro de Acolhimento”; José, que disse já ter 20 anos, também do “Ponto final” e que, às vezes, mora na Mafalala; disse ser órfão de mãe. Ele disse que saíra de casa porque não gostava da maneira como a madrasta lhe tratava;

O Rui, de 10 anos, vindo de Boane, que se encontrava na zona do “Restaurante Ti’Palino”, disse que saíra de casa porque mãe lhe batia. Uma das razões para que tal acontecesse foi o facto de ele, conforme disse, negar ser mandado; Ângelo, filho único de 12 anos, vindo da “Liberdade”, que se encontrava no “Jardim dos Professores”, disse que a avó lhe batia; o pai fora trabalhar para a RSA e nunca mais voltara, e a mãe morava na Manhiça; Anastácio, de 14 anos, vindo de Mavalane, que se encontrava no “Ponto-Final”, disse que o pai falecera e a mãe o levou à casa de uma avó, e depois viajou para Inhambane. A avó faleceu e passou a viver com uma tia. Anastácio disse que saíra de casa porque a tia lhe batia, para além de ter que cuidar de um filho dela, e de não lhe comprar material escolar;

Josué, de 13 anos, vindo de “Benfica”, que se encontrava no “Jardim dos Professores”, disse que o pai viajara para Inhambane, donde é originário; Atanásio, de 16 anos, que se encontrava no “Ponto-Final”, disse que os pais estavam separados, e que vivia com a mãe e alguns irmãos; outros irmãos viviam com o pai. Disse também que saíra de casa por causa de trabalho, da idade, como o seu irmão mais velho fizera indo a RSA; Daniel, de 12 anos, que se encontrava no “Jardim dos Professores”, disse que tinha 2 irmãos que vivem na Maxaquene com a avó; os pais foram a Inhambane;

Pedro, de 17 anos, vindo da Mafalala, e que vivia no "Ponto-Final", disse que os pais separaram-se na RSA. A sua mãe é sul-africana e permanecera na RSA. Ele disse também que não gostava do pai por que lhe batia;

Joaquim, de 11 anos, vindo de Xai-Xai, encontrava-se a morar na zona do "Restaurante Ti'Palino" com Rui, ou "Ruizinho", como ele lhe chamava; Joaquim disse que tinha 2 irmãos na RSA, e 1 a viver com os avôs maternos em Gaza; e disse ser órfão de mãe; o pai discutiu com a madrasta e saiu de casa. Algum tempo depois, o pai regressou para levá-lo consigo, o que ele negou, visto que queria viver com os seus avôs maternos. Então, o pai lhe bateu e daí ele saiu de casa. Numa primeira fase, ficou em Xai-Xai mas depois apanhou uma boleia para Maputo; Ananias, de 14 anos, que se encontrava no "Jardim dos Professores", disse que tinha pais separados e desconhecia o paradeiro da mãe; o pai morava no Alto-Maé. Ele disse que fora abandonado pela mãe em casa de uma avó, que já faleceu; Pedrito, de 11 ou 18 anos, que se encontrava no "Ponto-Final", disse que o pai o levou para a casa de uma avó que, segundo ele, não lhe gostava.

3. Anexo C – Características dos Lugares Ocupados pelos “Meninos da Rua”

Os lugares ocupados pelos “meninos da rua” tinham características diversas: uns eram lugares inteiramente não controlados, enquanto que outros o eram apesar de o serem em diferentes graus. Mas, em comum, todos os lugares tinham uma fonte de água – controlada ou não.

O “Restaurante Ti’Palino”,² em cujo pátio Rui e Joaquim dormiam, foi um lugar especial, pois aqueles meninos nele, conforme disseram, com a permissão do próprio proprietário do estabelecimento.

Noutros casos, os “meninos” negociavam com as pessoas que controlavam directamente os lugares – os guardas-nocturnos. Foi o caso da estadia dos “meninos da rua” do “Ponto-Final” juntos a uma loja “abandonada” no cruzamento das Avenidas Maguiguana e Guerra Popular. Manuel – um dos “meninos” do “Ponto-Final” – disse-nos que “[foram corridos daí por que fazia-se xixi³ aí mesmo, nem se varria. O dono zangou-se e correu-nos. Às vezes, **quando conseguíamos algum dinheiro dávamos ao guarda daí.** Depois fomos ao “Ponto-Final”]”.

No “Ponto-Final”, os “meninos” tinham a sua “base” ao pé dos semáforos do cruzamento das Avenidas Guerra Popular e Eduardo Mondlane – onde alguns pediam esmola. Numa das esquinas daquele cruzamento, havia um restaurante chamado “Ponto-Final”, donde adoptaram o nome da sua “base”.

Mais precisamente, a “base” dos “meninos” estava localizado entre as duas faixas de rodagem da Avenida Guerra Popular, havia cerca de 100 metros partindo-se da Avenida Eduardo Mondlane em direcção à Avenida 24 de Julho. Era nesse local que eles guardavam dos seus bens; cozinhavam, brincavam, tomavam banho; dormiam, etc. Mas, as noites eram, na maior parte das vezes, passadas debaixo das

² Ver anexo D

³ Urinava-se

abas, ao lado das paredes e em cima dos passeios de “Restaurante ‘Águia d’ouro””, provavelmente com a permissão dos guardas daquele local.

O “Jardim dos Professores” foi um outro lugar ocupado pelos “meninos da rua”. Em termos precisos, eles tinham a sua “base” havia uns 10 metros da Avenida Mao Tse-Tung – uma das avenidas que ladeiam o referido Jardim. Por coincidência ou não, os “meninos” estavam estabelecidos ao pé de um contentor de lixo, que frequentemente revolviam.

Mas a sua estadia naquele local foi ameaçada quando passou a haver a construção de uma edificio ao pé do local; quando começou a haver controlo sobre o local que ocupavam a partir dos meados de Fevereiro (de 2005). Diante desse facto, a reacção dos “meninos” foi retirar-se para um outro local ainda no Jardim. Tratou-se de um local relativamente fechado e possivelmente não passível de ser controlado facilmente.

A “Rua de Electricidade” pareceu-nos estar completamente abandonada e tinha um aspecto muito sujo.

Em todos os lugares, havia uma fonte de água perto. No caso do “Restaurante Ti’Palino”, a fonte encontrava-se num outro local. A respeito disso, Joaquim disse: “[o guarda disse: ‘você não vai pedir todos os dias; beba-a e feche o portão!]”; quanto a outras “bases”, as fontes de água estavam em lugares aparentemente não controlados.

4. Anexo D - Planta da cidade de Maputo



LEGENDA

- 1. "Ponto-Final"
- 2. Restaurante TI'Palino
- 3. Miradouro
- 4. Jard. dos Professores
- 5. Ig. N. S. Victorias

